FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso de Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim do Curso

Título:

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO "EU" POR JOVENS EM SITUAÇÃO DE AUSÊNCIA PARENTAL NO BAIRRO DAS MAHOTAS

Autora:

Neyma Da Célia Langa

Supervisor:

Domingos Langa, PhD

Maputo, Setembro de 2026

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso de Licenciatura em Sociologia

Título:

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO "EU" POR JOVENS EM SITUAÇÃO DE AUSÊNCIA PARENTAL NO BAIRRO DAS MAHOTAS

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Neyma Da Célia Langa

O Júri:

O Supervisor	O Presidente	O Oponente
.....	.....	.....

Maputo, aos _____de_____de 2026

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Neyma Da Célia Langa, estudante do curso de Licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, declaro por minha honra, que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição, para a obtenção de qualquer grau académico. O mesmo constitui o produto da minha pesquisa individual, feita com base nas fontes mencionadas no corpo do trabalho e nas referências bibliográficas, que iniciou com um projecto de pesquisa, seguido de recolha e análise de dados e por último a elaboração de versões preliminares do trabalho e da presente versão do Trabalho de Final do Curso.

Maputo, Setembro de 2026

.....

Neyma Da Célia Langa

DEDICATÓRIA

Dedico a presente pesquisa à minha mãe, Ana Guidione Langa, que me gerou com amor e me moldou com coragem. Sua força silenciosa e seu amor incansável foram as mãos invisíveis que sustentaram cada passo da minha formação, desde o ensino primário, secundário até universitário e fizeram de tudo para que eu terminasse as cadeiras e o trabalho de fim de curso. Ao meu filho, Ruzlan Neyma Langa, minha vida em forma de gente, razão dos meus recomeços e do meu desejo constante de ir além. Que este trabalho represente não apenas uma conquista minha, mas uma semente de tudo o que ainda construiremos juntos.

A ambos, meu eterno elo entre o que fui, o que sou e o que ainda serei.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho representa não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também a prova viva de que a persistência, a fé e o apoio das pessoas certas tornam possível aquilo que um dia pareceu distante. Por isso, primeiramente, agradeço a Deus, fonte de toda força e sabedoria, em quem a cada momento de dúvida, cansaço ou incerteza, encontrei um refúgio seguro e o alento que reacendeu a coragem para continuar.

Agradeço com todo o amor a minha mãe, Ana Guidione Langa, pelo cuidado dedicado, pelo suporte incondicional e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava. Sua força e seus ensinamentos foram e continuam sendo o meu maior exemplo.

Ao meu filho, Ruzlan Neyma Langa, por compreender mesmo sem palavras, as minhas ausências e os sacrifícios desta caminhada.

À Dra. Nair Teles, pela orientação, apoio e valiosas contribuições prestados durante a fase inicial desta pesquisa.

Ao meu supervisor, Dr. Domingos Langa, que com paciência, rigor acadêmico e orientação assertiva, guiou-me durante este processo. Sua dedicação e olhar crítico contribuíram decisivamente para o fortalecimento deste estudo. Serei sempre grata pela disponibilidade e pelo compromisso com a excelência.

Expresso também minha gratidão a todo o corpo docente, em especial ao Dr. Baltazar Muianga, ao Me. Neto Sequeira, ao Dr. Orlando Nipassa e ao Me. Obede Baloi, que ao longo da minha formação partilharam conhecimento, suscitaram questionamentos e alimentaram em mim a vontade de compreender de forma profunda a realidade social que nos rodeia. Cada aula, cada diálogo e cada desafio académico desempenharam um papel fundamental na construção da estudante que me tornei.

Um agradecimento especial aos jovens participantes desta pesquisa, que abriram as portas das suas histórias, confiaram-me as suas vivências e partilharam comigo dores, sonhos, conquistas e silêncios. Sem a coragem de cada um deles, este trabalho não teria encontrado sentido ou voz. Aos chefes dos quarteirões do Bairro das Mahotas e à comunidade local, que me acolheram e possibilitaram o acesso ao campo, o meu sincero reconhecimento.

Aos meus colegas de turma, especialmente, a Juelma e o Elzo, agradeço pela partilha de conhecimentos, pelo companheirismo, apoio e incentivo ao longo desta caminhada.

Finalmente, agradeço a todos que, mesmo não estando aqui nomeados, ofereceram-me palavras de incentivo, sorrisos nos momentos certos e a companhia necessária para que eu não desistisse.

A todos vocês, o meu muito obrigado. Este trabalho é, também, de vocês.

EPÍGRAFE

"Não somos aquilo que nos acontece, mas o que escolhemos fazer com o que nos acontece."

(Carl Gustav Jung)

RESUMO

O presente estudo analisa o processo de construção da identidade social dos jovens criados longe dos pais no Bairro das Mahotas. O estudo teve como objectivo compreender de que forma a ausência parental influencia o processo da construção do "Eu", das relações sociais e dos projectos de vida dos jovens. O estudo adoptou uma abordagem qualitativa, de carácter descritivo- compreensivo, onde fez-se o uso da técnica de entrevistas semiestruturadas à quinze jovens residentes no Bairro das Mahotas. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, apoiando-se à teoria dramatúrgica de Erving Goffman (2002) e à teoria da modernidade tardia de Anthony Giddens (2002). O trabalho teve quatro resultados principais: primeiro constatou-se que a ausência parental ultrapassa a dimensão privada e afectiva, configurando-se como um marcador simbólico que influencia a forma como os jovens se percebem e são socialmente reconhecidos, produzindo sentimentos de diferença, responsabilidades precoces e, em alguns casos, estigmatização. Segundo, que os entrevistados desenvolvem estratégias de gestão da imagem social, mecanismos de autoprotecção emocional, recorrendo ao fortalecimento da autonomia, ao apoio das redes sociais e à valorização dos estudos e do trabalho. Terceiro, que os entrevistados projectam trajectórias de vida orientadas para não reproduzir os padrões de ausência parental vivenciados, procurando construir relações familiares diferentes daquelas que marcaram suas próprias experiências. E, por último, que a ausência parental produz impactos na socialização, nas redes interpessoais e na construção da autoestima, levando os jovens a reflectirem continuamente sobre si mesmos, a redefinirem seus projectos de vida e a atribuirem novos significados às suas experiências e relações sociais. Assim, concluiu-se que os jovens não são sujeitos passivos diante da ausência parental, mas agentes que elaboram estratégias para reconstruir sentidos sobre si mesmos. Contudo, essas trajetórias são profundamente condicionadas por desigualdades estruturais, pois muitos jovens crescem em contextos marcados por dificuldades econômicas, acesso limitado a oportunidades educacionais e profissionais, condições de vida precárias e pela persistência de estigmas associados à ausência parental.

Palavras-chave: *Identidade; Ausência parental; Reflexividade; Estratégias de enfrentamento*

ABSTRAT

The present study analyzes the process of social identity construction among young people raised away from their parents in the Mahotas Neighborhood. The study aimed to understand how parental absence influences the construction of the "Self," social relationships, and the life projects of young people. Using a qualitative, descriptive-comprehensive approach, data were collected through semi-structured interviews with fifteen young residents of the Mahotas Neighborhood, and were analyzed through content analysis, drawing on Erving Goffman's dramaturgical theory (2002) and Anthony Giddens' theory of late modernity (2002). The study yielded four main findings: first, that parental absence goes beyond the private and affective dimension, configuring itself as a symbolic marker that influences how young people perceive themselves and are socially recognized, producing feelings of difference, early responsibilities, and in some cases stigmatization; second, that the interviewees develop strategies for managing social image and emotional self-protection mechanisms, resorting to the strengthening of autonomy, support from social networks, and the valorization of studies and work; third, that the interviewees project life trajectories aimed at not reproducing the patterns of parental absence they experienced, seeking to build family relationships different from those that marked their own experiences; and lastly, that parental absence produces impacts on socialization, interpersonal networks, and the construction of self-esteem, leading young people to continuously reflect on themselves, to redefine their life projects, and to attribute new meanings to their experiences and social relationships. Thus, it was concluded that young people are not passive subjects in the face of parental absence, but agents who develop strategies to reconstruct meanings about themselves. However, these trajectories are deeply conditioned by structural inequalities, as many young people grow up in contexts marked by economic hardship, limited access to educational and professional opportunities, precarious living conditions, and the persistence of stigmas associated with parental absence.

Keywords: *Identity; Parental absence; Reflexivity; Coping strategies*

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA iii
DEDICATÓRIA iv
AGRADECIMENTOS v
EPÍGRAFE vii
RESUMO viii
ABSTRAT ix
INTRODUÇÃO 1
CAPÍTULO I 6
1. REVISÃO DE LITERATURA 6
1.1. Abordagem sócio-cultural da ausência parental 6
1.2. Abordagem desenvolvimentista da ausência parental 8
1.3. Abordagem psico-paternalista da ausência parental 11
1.4. Formulação do Problema de Pesquisa 13
1.4.1. Objectivos 15
CAPÍTULO II 16
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO 16
2.1. Teoria da Dramartugia de Erving Goffman (2002) 17
2.2. Teoria da Modernidade Tardia de Anthony Giddens (2002) 20
2.3. Enquadramento conceitual 24
2.4. Quadro de operacionalização dos conceitos 26
2.5. Modelo de análise 28
CAPÍTULO III 30
3. Metodologia 30
3.1. Tipo de pesquisa 30
3.2. Método e Abordagem 31
3.3. Grupo alvo e amostra da Pesquisa 31
3.4. Critérios de inclusão 32
3.5. Critérios de exclusão 32
3.6. Método de procedimento 32
3.7. Técnica de recolha de dados 32
3.8. Técnica de Análise de Dados 33
3.9. Questões éticas 33

3.10. Constrangimentos e Limitações da Pesquisa 34
CAPÍTULO IV 37
4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 37
4.1. Descrição perfil sóciodemográfico dos entrevistados 37
4.2. Da Vivência da Ausência Parental à Construçãp de Estratégias de enfrentamento 39
4.3. Recursos e apoios sociais: quem ocupa o lugar dos pais 44
4.4. Construção da Autoimagem: Entre Feridas e Força 49
4.5. Impacto da ausência parental na construção do Eu e da identidade social .. 51
CONCLUSÃO 57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 60
APÊNDICES 64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a construção social do "EU" por jovens em situação de ausência parental no bairro das Mahotas. O estudo visa compreender como os jovens criados longe dos pais constroem sua identidade individual e social, analisando os impactos dessa ausência parental na formação do "EU".

O trabalho foi realizado sob três motivações principais: a pessoal, a social e a científica. A motivação pessoal surge do interesse em compreender como os jovens, que experienciam a ausência parental, constroem a sua identidade e percebem o mundo ao seu redor. Este trabalho reflecte o desejo de valorizar a voz desses jovens, investigando como interpretam e incorporam a ausência parental na construção do seu "Eu" ou da sua autoi-dentidade, reconhecendo o seu papel activo e a subjectividade dos próprios sujeitos.

A motivação social decorre da relevância do estudo para a sociedade que tenha indivíduos em situação de ausência parental, uma vez que compreender como os jovens lidam com a ausência parental pode ajudar a identificar estratégias de resiliência e adaptação que podem orientar intervenções sociais, educativas ou comunitárias.

A motivação científica resulta do interesse em aprofundar o conhecimento da obtido com base na revisão da literatura, buscando trazer uma abordagem onde os jovens em situação de ausência parental são tidos como agententes activo da sua própria história e da construção daquilo que eles são ou que consideram que são.

Ao fazer revisão da literatura, constatou-se que ela esteve dividida em três abordagens, nomeadamente, a sóciocultural, desenvolvimentista e psico-paternalista, onde foi possível identificar três resultados principais sobre o fenómeno da ausência parental. Em primeiro lugar, a revisão demonstrou que a ausência parental constitui um fenómeno multidimensional, que não se limita à ausência física dos pais, mas, também, manifesta-se através da ausência afectiva, emocional e do enfraquecimento do cuidado e da orientação parental.

Em segundo lugar, verificou-se que a ausência parental influencia significativamente os processos de socialização, desenvolvimento pessoal e construção da identidade, uma vez que a família é reconhecida como a principal instância de socialização primária. E por últimor, a literatura enfatiza os impactos negativos da ausência parental como a

vulnerabilidade emocional, dificuldades de relacionamento, baixa autoestima, consumo de drogas, desistência ou baixa frequência escolar e problemas de ajustamento social.

Estas abordagens tendem a tratar os jovens como sujeitos passivos, enfatizando os efeitos da ausência parental, em detrimento da análise dos processos através dos quais constroem significados sobre sua experiência. Assim, foi possivel identificar duas lacunas principais: Por um lado, observa-se a predominância de estudos de natureza psicológica, centrados nos impactos emocionais e comportamentais a associados a ausência parental, frequentemente relaccionados a dificuldade de ajustamento, vulnerabilidade social e problemas de desenvolvimento (Mclanahan e Sandefur, 1994). Por outro lado, constata-se que esses estudos sobre a ausência parental, tentem a privilegiar a ausência paterna como principal objecto de análise, ignorando contextos em que a ausência materna ou a ausência simultânea de ambos os progenitores constitui uma realidade social significativa.

Essa tendência limita a compreensão da diversidade das experiências familiares e das diferentes formas pelas quais a ausência parental é vivida e interpretada. Diante disso, torna-se necessário desenvolver uma abordagem que privilegia os processos sociais através dos quais os jovens atribuem significados às suas experiências, constroem representações de si mesmos e elaboram estratégias para posicionar-se nas relações sociais.

Assim, o presente estudo responde a seguinte pergunta de partida: *Como os jovens em situação de ausência parental no Bairro das Mahotas percebem a si próprios, interpretam o mundo ao seu redor e constroem o seu "EU"?* porque essa pergunta rompe com a visão que trata a ausência parental apenas como problema, coloca o jovem como protagonista que interpreta, dá sentido e age, em vez de só sofrer as consequências.

O objectivo principal é compreender como os jovens em situação de ausência parental no bairro das Mahotas percebem a si próprios, interpretam o mundo ao seu redor e constroem socialmente o seu "Eu". E para se chegar a esse objectivo, primeiramente busca-se descrever as experiências de ausência parental vivenciadas pelos jovens do bairro das Mahotas, identificar como essas experiências influenciam a forma como os jovens percebem a si próprios e se posicionam socialmente e identificar os mecanismos

simbólicos e sociais através dos quais os jovens atribuem significado à ausência parental na formação da sua identidade.

Para compreender-se essa construção de identidade, ou seja, do "EU" a pesquisa apoia-se em duas teorias principais: a Teoria Dramatúrgica de Erving Goffman (2002) e a Teoria da modernidade tardia de Anthony Giddens (2002). A abordagem de dramaturgia de Goffman (2002) fornece ferramentas para analisar como os indivíduos desempenham papéis sociais, constroem a sua identidade e interpretam interações quotidianas, pois cria condições para observar-se a construção do "Eu" em situações concretas de ausência parental. Esta teoria aborda conceitos como representação, definição da situação, impressão, controle de impressão, fachada, maneira, palco e bastidores.

Por sua vez, Giddens (2002) fornece bases para compreender a identidade como um processo reflexivo, em que os indivíduos interpretam continuamente as suas experiências e constroem narrativas sobre si mesmos em interacção com o mundo social. Esta teoria aborda conceitos como reflexividade, auto-identidade, projecto reflexivo do "Eu", confiança básica e segurança ontológica.

A escolha dessas teorias justifica-se pela complementaridade entre uma análise macro-sociológica da modernidade e da reflexividade (Giddens, 2002) e uma análise micro-sociológica da interacção e performance social (Goffman, 2002) que foi identificada para compreender a experiência dos jovens no bairro das Mahotas.

Quanto ao percurso metodológico, o estudo optou pela pesquisa qualitativa por centrar-se na compreensão dos significados, das experiências e dos processos sociais relacionados com a construção do "EU" em contextos de ausência parental. A escolha deste tipo de pesquisa ocorre da natureza do objecto de estudo, que envolve processos de atribuição de sentido, relações sociais e construção de identidades.

O estudo apresenta quatro resultados principais: primeiro, a ausência parental contribui para a construção de uma identidade marcada pela transformação de dor da ausência em motivação necessária de cada dia, autonomia precoce, busca pela independência financeira, responsabilização precoce dos jovens. Uma vez que os participantes assumiram funções económicas, domésticas ou familiares ainda durante a infância e adolescência, contribuindo para uma percepção de si mesmos como pessoas obrigadas a amadurecer cedo e rapidamente.

O segundo resultado foi a constatação de que os entrevistados desenvolvem estratégias de gestão da imagem social, se apresentando como pessoas fortes, responsáveis e capazes e mecanismos de autoprotecção emocional, guardando os seus sentimentos para si mesmos, evitando mostrar fragilidade, estudando e trabalhando mais.

O terceiro resultado foi a constatação de que a ausência parental influencia a forma como os jovens em estudo projectam o seu futuro, como se socializam com os outros, como constroem as redes interpessoais e como constroem a autoestima. Eles orientam suas trajectórias pelo desejo de construir uma vida diferente daquela que tiveram e pelo desejo de evitar a reprodução das experiências de ausência que marcaram as suas trajectórias.

Por fim, evidenciou-se que a ausência parental atravessa a socialização, tece novas configurações nas redes interpessoais e marca a construção da autoestima. Diante desse vazio, esses jovens voltam-se para si, em um exercício contínuo de autoreflexão, reinventam os seus projectos de vida e revestem de novos sentidos suas experiências e relações.

Assim, o principal contributo da pesquisa foi constatar que a a influência da ausência parental manisfesta-se concretamente através da autonomia precoce, da auto-protecção emocional, da responsabilização antecipada, da gestão da imagem social, da reconstrução dos projectos de vida e da reorganização das redes de apoio social.

Quanto à estrutura, o presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo temos a revisão da literatura, que traz três abordagens que procuram compreender a ausência parental nomeadamente, sócio-cultural, desenvolvimentista e psico-paternalista, culminando na formulação do problema de pesquisa, em seguida, da pergunta de partida e os objectivos da pesquisa; o segundo capítulo trata do enquadramento teórico à luz da teoria da modernidade tardia de Giddens (2002) e da representação do eu na vida quotidiana (dramaturgia) de Goffman (2002) e do enquadramento conceptual, definindo e operacionalizando os conceitos de ausência parental, identidade, reflexividade e estratégias de efrentamento; no terceiro capítulo abordou-se da metodologia usada para a realização da pesquisa que engloba a natureza da pesquisa, as técnicas de recolha e análise de dados e amostra; no quarto capítulo foca-se na apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos à luz das teorias da modernidade tardia e dramaturgia, incluindo algumas abordagens de autores que fazem

parte da revisão da literatura; e, por fim, o capítulo da conclusão, onde encontram-se os principais resultados da pesquisa, considerações finais e recomendações.

CAPÍTULO I

1. REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo apresenta a revisão da literatura sobre ausência parental, com o objectivo de compreender como este fenómeno tem sido estudado por outros autores.

Autores como Sganzerla & Levandowski (2010), Mendes e colegas (2021) entendem a ausênciam parental como a falta de presença física, emocional ou afectiva de um ou ambos os progenitores na vida da criança ou adolescente, podendo ocorrer de forma temporária ou permanente, resultando de situações como separação conjugal, falecimento, abandono, ausência laboral prolongada ou desinteresse afectivo.

Como forma de organizar a informação da revisão da literatura, agrupou-se os estudos analisados em três abordagens temáticas sobre o fenómeno, a saber: abordagem sócio-cultural, abordagem desenvolvimentista e abordagem psico-paternalista. A abordagem sócio-cultural tem como foco a influência da família, das redes sociais e do meio cultural na construção da identidade (Lemos et al, 2025; Zardo e Dorsa, 2019; Hollist e McBroom (2006), Sarti (2004), Ellis et al, 2003). A abordagem desenvolvimentista foca desenvolvimento humano como um processo dinâmico e interactivo (Mendes et al, 2021; Wagner, 2008; Petrini, 2005; Gomes e Resende, 2004). E a abordagem psico-paternalista centra na dimensão intrapsíquica e afectiva da ausência parental (Lemos et al, 2025; Mendes et al, 2021; Baum, 2004; Felzenszwalb, 2003; Erikson, 1968; Marcia, 1966, 1986).

Essa forma de organização busca analisar os estudos de maneira estruturada, evidenciando convergências, divergências e lacunas na literatura, sem impor aos autores categorizados uma posição teórica que eles próprios não adoptaram. A seguir, são apresentadas com mais detalhes cada uma dessas três abordagens anteriormente mencionadas.

1.1. Abordagem sócio-cultural da ausência parental

A abordagem sócio-cultural da ausência parental fundamenta-se em pressupostos teóricos que explicam a importância da família e das interacções sociais na construção da identidade e no desenvolvimento emocional e social dos indivíduos. Parte-se do entendimento de que a família constitui o primeiro espaço de socialização, o local onde a criança adquire valores, normas, linguagem, formas de interacção e referências afectivas.

Lemos e colegas (2025) afirmam que a família é o primeiro círculo social que a criança tem contacto, é nela que se criam as primeiras imagens e nocções de relacionamentos, de auto-imagem e do que é o mundo exterior, eles enfatizam a centralidade do núcleo familiar na formação da identidade e na compreensão do mundo. Onde as funções maternas eram de dar afecto, cuidado e orientar a criança e paternas eram de impor limites, normas e prover para o sustento da criança.

Em concordância, Sarti (2004) afirma que a família funciona como um filtro interpretativo através do qual o indivíduo aprende a dar sentido às experiências e às relações sociais, estabelecendo as bases para sua auto-imagem e para a percepção do ambiente ao redor.

Esta abordagem, enfatiza que o desenvolvimento humano é relacional, construído por meio das interações sociais e das experiências vividas. Zardo e Dorsa (2019) destacam que cada ser humano constrói a sua identidade por meio das interacções relacionais e também por meio das experiências vividas e dos seus modelos. Eles destacam que a identidade não é inata ou isolada, mas resultado de um processo contínuo, cumulativo e historicamente situado.

Assim, a ausência parental é compreendida como um factor de risco que pode afectar o desenvolvimento emocional, social e comportamental. Autores como Hollist e McBroom (2006) e Ellis e colegas. (2003) observaram que os adolescentes que não viviam com ambos os progenitores apresentavam maior probabilidade de uso de drogas e envolvimento em comportamentos de risco como conflitos escolares, baixo desempenho acadêmico e início precoce da actividade sexual.

Burns (2008), por sua vez, destaca que dificuldades de socialização, especialmente no que se refere à independência e à assertividade, foram encontradas em adolescentes do sexo feminino. O autor acredita que deve-se ao facto delas terem crescido sem a presença paterna, destacando que a ausência parental pode influenciar competências sociais específicas, como a socialização e inclusão.

Nesta abordagem, autores como Lemos e colegas (2025) destacam conceitos como laços afectivos, redes de apoio social, cultura, desenvolvimento e comunidade. Onde os laços afectivos são considerados fundamentais para o suporte emocional e para a capacidade de enfrentar situações adversas. A rede de apoio social formada por amigos, professores e membros da comunidade, pode compensar parcialmente a ausência parental,

oferecendo suporte adicional à socialização e à construção identitária. A cultura fornece o contexto simbólico no qual os valores e normas são transmitidos, tornando a identidade inseparável do ambiente social e histórico do indivíduo. O desenvolvimento é compreendido como resultado da interacção entre factores individuais e contextuais, e a comunidade é concebida como o espaço colectivo formado por indivíduos socializados, no qual experiências e práticas acumuladas influenciam a coesão e o desenvolvimento social.

Apesar de suas contribuições, essa abordagem parece enfraquecer quando assume relações lineares entre ausência parental e comportamentos de risco, sem considerar factores mediadores como pobreza, desigualdade, violência comunitária e acesso a recursos institucionais. Também se observa pouca atenção à forma de agir dos jovens e às estratégias de resiliência, ou seja, à capacidade dos adolescentes de reconstruir identidades e criar novos referenciais afectivos frente à ausência parental. É neste ponto que integramos a abordagem desenvolvimentista. Que se torna relevante, ao ampliar a compreensão do desenvolvimento como um processo contínuo, singular e interativo, no qual o indivíduo não é apenas moldado pelas influências familiares e sociais, mas também exerce acção, adapta-se e constrói seu próprio percurso de crescimento em múltiplos contextos bio-ecológicos, conforme veremos a seguir.

1.2.Abordagem desenvolvimentista da ausência parental

A abordagem desenvolvimentista da ausência parental fundamenta-se na compreensão do desenvolvimento humano como um processo dinâmico, contínuo e multideterminado, influenciado por múltiplos factores biológicos, sociais, culturais e históricos. Essa abordagem surge no contexto caracterizado por rápidas transformações económicas, tecnológicas e científicas, que repercutem directamente nos comportamentos, relações interpessoais e na organização familiar (Pithan & Timm, 2007). Segundo esses autores, as principais características desse período incluem fragmentação, superficialidade, efemeridade das relações, incerteza, instabilidade, heterogeneidade e pluralidade, o que influencia a forma como as famílias se estruturam e se relacionam com seus membros.

A família, entendida como um sistema directamente ligado aos processos de transformação histórica, cultural e social, não permanece fora dessas mudanças. Staudt e Wagner (2008), afirmam que a composição e dinâmica familiar se alteram conforme contexto social e histórico, permitindo a coexistência de diferentes configurações familiares. Petrini (2005) acrescenta que a decadência do patriarcado favoreceu uma

maior igualdade na divisão de responsabilidades entre os membros da família, promovendo assim a emergência das chamadas novas famílias. Famílias essas que, segundo Wagner & Levandowski (2008), incluem as monoparentais, homossexuais ou as formadas por recasamento, nas quais convivem filhos de pais diferentes .

Independentemente da organização familiar, os pais desempenham um papel importante no desenvolvimento das crianças e adolescentes, facilitando a transição da vida familiar para o mundo social, por isso Gomes e Resende (2004) destacam que a presença parental contribui para o desenvolvimento da capacidade de afirmação de si, de exploração do ambiente, de defesa pessoal e de gestão da agressividade. Estes autores destacam a centralidade do cuidado afectivo e educativo no processo de desenvolvimento dos indivíduos.

O desenvolvimento humano, nessa perspectiva, é compreendido como um fenómeno complexo e sistêmico, no qual os indivíduos estão constantemente em interacção com os múltiplos ambientes nos quais estão inseridos, neste sentido, Mendes e colegas (2021) afirmam que a relação parento-filial é um elemento *sine qua non* para o desenvolvimento congruente da criança/adolescente, isto é, um elemento fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos. Porém, estes autores, alertam para o perigo de se conferir peso excessivo a esta relação, uma vez que o desenvolvimento é multideterminado e não depende exclusivamente da presença de um dos pais.

A Teoria Bio-ecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner (1917 – 2005) destacada por Mendes e colegas (2021), oferece um arcabouço teórico central para essa abordagem, ao afirmar que compreender o desenvolvimento exige considerar todos os sistemas bio-ecológicos nos quais o indivíduo está inserido. Para Bronfenbrenner, o desenvolvimento resulta das interações circulares entre o indivíduo e os ambientes mais imediatos (microssistema), intermediários (mesossistema) e distantes (exossistema e macrossistema), incluindo o contexto histórico e cultural.

Mendes e colegas(2021) reforçam a ideia de Bronfenbrenner, afirmando que o desenvolvimento está em constante devir, e nós estamos sempre em interacção com os meios nos quais estamos inseridos, mostrando que o processo é contínuo, singular e subjectivo, variando de pessoa para pessoa. Assim, segundo esses autores, torna-se um equívoco considerar que a ausência parental seja suficiente para comprometer necessariamente o desenvolvimento da criança ou adolescente.

O conceito de processo proximal, abordado na TBDH, enfatiza que são as interacções quotidianas e significativas que permitem ao indivíduo internalizar o mundo e construir sua identidade, independentemente de eventos isolados como a ausência de um dos pais (Mendes e colegas, 2021). Esse enfoque contrasta com interpretações normativas, mencionadas na abordagem sócio-cultural, que associam funções maternas e paternas a papéis específicos de gênero, como cuidado e afecto para a mãe, limites e normas para o pai, assumindo que sua ausência gera prejuízos inevitáveis. Fernandes e Silva, citados por Mendes e colegas (2021), argumentam que tais funções podem ser desempenhadas por qualquer pessoa, independentemente do gênero ou do tipo de vínculo com a criança/adolescente.

A abordagem desenvolvimentista reconhece que experiências de frustração e ausência são parte integrante do desenvolvimento humano. As correntes psicológicas, por exemplo a psicanálise, consideram que lidar com sentimentos de falta ou angústia contribui para a formação da psicologia do indivíduo, estruturando aspectos emocionais, cognitivos e sociais essenciais à vida adulta (Mendes e colegas 2021).

A abordagem desenvolvimentista da ausência parental olha o indivíduo como um agente central do próprio desenvolvimento, inserido em múltiplos contextos e sistemas inter-relacionados. A ausência de um dos pais não é interpretada como um factor determinante de prejuízo, mas como um elemento entre muitos que influenciam a trajectória de desenvolvimento. O foco está nas interacções significativas, nos processos proximais e na singularidade das experiências, reconhecendo que crianças e adolescentes podem desenvolver-se sem sobressaltos mesmo diante de situações familiares complexas ou não convencionais.

No entanto, para compreender os efeitos subjectivos e intrapsíquicos da ausência paterna, bem como a importância do vínculo afectivo directo com o progenitor, torna-se necessário recorrer à abordagem psico-paternalista. Esta abordagem complementa as anteriores ao focalizar o impacto da ausência parental na dimensão emocional e psicológica do adolescente. Analisa como os sentimentos de abandono, rejeição e culpa podem interferir na autonomia, na construção da identidade e na formação de vínculos, e mostrando que a ausência paterna não é apenas um fenómeno social ou contextual, mas também profundamente intrapsíquico (Mende e colegas, 2021; Sganzerla & Levandowski, 2010).

1.3.Abordagem psico-paternalista da ausência parental

A abordagem psico-paternalista da ausência parental fundamenta-se na compreensão do afecto como um fenómeno essencialmente intrapsíquico, cuja origem, definição e apropriação científica são estudadas desde a psicologia cognitiva até a psicopatologia. Nesta abordagem, o que se denomina como abandono afectivo não deve ser entendido apenas como um evento externo, mas como algo que afecta a dimensão interna e subjectiva do indivíduo, influenciando a formação da identidade e a experiência emocional ao longo do desenvolvimento (Mendes, Almeida & Melo, 2021).

O pressuposto central desta abordagem é a ideia de que a convivência da criança com ambos os progenitores é ideal para o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social, uma vez que cada progenitor contribui de forma diferenciada para o crescimento do filho (Black, Dubowitz & Starr, 1999; Flouri & Buchanan, 2003; Lamb, 1997; Marshall, English & Stewart, 2001, citados por Sganzerla & Levandowski, 2010). Assim, a ausência de um dos pais ou uma relação conflituosa entre pai e filho é considerada um factor de risco que pode comprometer a autonomia, a autoestima, o estabelecimento de vínculos afectivos e a capacidade de socialização do adolescente (Eizirik & Bergman, 2004; Feldman & Klein, 2003).

A perspectiva psico-paternalista diferencia os efeitos da ausência parental segundo suas causas. Estudos demonstram que a percepção da ausência varia conforme o motivo: o falecimento do pai tende a gerar sentimentos de tristeza e luto. Enquanto a ausência decorrente da dissolução conjugal pode gerar revolta e indignação, uma vez que os filhos percebem que a situação poderia ser revertida se o pai quisesse (Cúnico & Arpini, 2014; Sganzerla & Levandowski, 2010).

Assim, a falta de envolvimento paterno pode ser intencional ou resultante de situações sociais e culturais específicas, como o chamado golpe de barriga ou a percepção de que a responsabilidade parental se encerra com a separação conjugal (Giongo, citado por Cúnico & Arpini, 2014; Padilha, 2008).

Esta abordagem evidencia que o exercício da paternidade muitas vezes está atrelado à manutenção da relação conjugal, de modo que, em contextos de separação, o vínculo com os filhos pode se enfraquecer, salvo se houver interesse da mãe em preservar essa relação (Grzybowski & Wagner, 2010). O papel do pai, mesmo ausente, continua relevante e sua participação, directa ou indirecta, influencia a integração do adolescente

em sua rede de apoio social, que pode incluir a mãe, os avós ou instituições como a escola, ajudando-o a lidar com a ausência e a frustração (Sieber, 2008; Ellis e colegas, 2003; Harper & McLanahan, 2004).

Os impactos da ausência paterna na vida do adolescente são amplamente documentados em estudos empíricos, por exemplo, Felzenszwalb (2003) observou que a falta de envolvimento do pai promove padrões de interacção disfuncionais, prejudicando a autonomia do adolescente e sua capacidade de estabelecer vínculos afectivos seguros. Baum (2004) demonstrou que o divórcio e a saída do pai de casa aumentam conflitos familiares, dificultando o relacionamento com ambos os progenitores e comprometendo a formação de novos vínculos sociais.

Em termos teóricos, segundo Costa (1991), a abordagem psico-paternalista dialoga com o modelo psicossocial de Erikson e com os estudos de Marcia (1966, 1986) sobre os estatutos de identidade. Esses estudos apontam que a formação da identidade na adolescência depende da exploração e do investimento em diferentes áreas da vida profissional, ideológica e interpessoal/sexual e que a ausência parental pode influenciar a maneira como os adolescentes enfrentam essas tarefas psicossociais

Entre os conceitos centrais desta abordagem estão: afecto intrapsíquico, abandono afectivo, vínculo pai-filho, autonomia e identidade, rede de apoio social, e impactos psicossociais do afastamento parental. A relação entre esses conceitos evidencia que a qualidade do vínculo parental influencia directamente a experiência subjectiva do adolescente, afectando seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo, e que a ausência paterna, mesmo quando contextualizada por factores sociais, pode gerar repercussões negativas que se manifestam na autonomia, nos vínculos e na identidade.

Autores que contribuíram para o desenvolvimento desta abordagem incluem Erikson (1968), com a teoria do desenvolvimento psicossocial; Marcia (1966, 1986), com os estatutos de identidade; Felzenszwalb (2003) e Baum (2004), com estudos empíricos sobre os efeitos da ausência paterna; bem como Mendes e colegas (2021), que actualizam a abordagem psico-paternalista com uma abordagem integrativa entre psicologia, desenvolvimento humano.

Apesar das contribuições relevantes, esta abordagem apresenta uma forte ênfase na figura paterna como determinante central do desenvolvimento, o que pode subestimar a capacidade de resiliência do adolescente e o papel de outros cuidadores ou redes de

apoio.

Em suma, diante da análise das diferentes abordagens identificadas na literatura (Psico-paternalista, desenvolvimentista e sociocultural), constata-se elas conscidem no que se refere a importanrtancia da familia e convivência familiar na vida do indivíduo, porém a abordagem sócio-cultural difere das outras duas na maneira como olha para o desenvolvimento dos indivíduos face a essa convivência. Enquanto a abordagem sócio-cultura defende que o desenvolvimento humano é relacional, construído por meio das interações sociais e das experiências vividas, a abordagem desenvolvimentista e psico-paternalista defendem que relação parento-filial é o elemento fundamental para o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social dos indivíduos.

Das, três abordagens apresentadas, a abordagem sócio-cultural é a que mais se aproxima do foco desta pesquisa, ao privilegiar a dimensão contextual, relacional e simbólica da experiência de ausência parental. Esta pesquisa propõe um deslocamento analítico para uma abordagem sociológica centrada na construção social da realidade e na produção interactiva da identidade, compreendendo o "EU", não como resultado passivo de uma ausência, mas como processo dinâmico de significação, negociação e posicionamento social. É neste sentido que o estudo se ancora teoricamente nas contribuições da sociologia da construção do "Eu", buscando compreender como os jovens do Bairro das Mahotas interpretam, ressignificam e integram a experiência da ausência parental na definição de si mesmos.

1.4.Formulação do Problema de Pesquisa

A produção científica sobre função paterna e ausência parental teve início, de forma mais consistente, nos Estados Unidos, especialmente a partir da década de 1980, devido à tradição académica em psicologia do desenvolvimento e sociologia da família, bem como ao financiamento disponível para pesquisas nessa área (Berthoud, 2003).

Durante esse período, periódicos americanos como *Journal of Marriage and Family, Family Relations e Child Development,* concentraram grande parte dos estudos sobre a função paterna, envolvimento dos pais e efeitos da ausência parental. Embora a pesquisa sobre função paterna e ausência parental se tenha consolidado inicialmente em contextos norte-americanos, a partir da década de 1980. Produção científica tem se expandido internacionalmente, incorporando estudos relacionados em países de baixa e média renda, que analisam o papel dos pais em diferentes contextos culturais e sociais

(Evans e Jakiela, 2024)

O interesse crescente por essa temática está relacionado, segundo Hennigen & Guareschi (2008) com aumento das separações e divórcios, que evidenciou a importância do pai para o desenvolvimento da criança, tanto na ausência física quanto psíquica.

Apesar das constatações revelantes das três abordagens discutidas na revisão da literatura- sócio-cultural, desenvolvimentista e psicopaternalista- sobre a importância da família e os efeitos da ausência dos pais na vida dos indivíduos. A literatura contemporânea sobre ausência parental apresenta duas limitações principais quando analisada sob a perspectiva sociológica da construção do "Eu".

Por um lado, observa-se que grande parte dos estudos encontrados concentra-se exclusivamente na ausência paterna, uma vez que historicamente, nas pesquisas sobre famílias nucleares e tradicionais, a ausência do pai era mais visível e mensurável, especialmente em contextos de separação ou divórcio, enquanto a mãe permanecia cuidadora principal (East, Jackson e O'Brien, 2006). Esse enfoque ignorando contextos em que tanto o pai quanto a mãe podem estar ausentes realidade presente em diversos contextos africanos.

Por outo lado, observa-se que há uma hegemonia da abordagem psicológica, que privilegia os impactos emocionais — como trauma, depressão, baixa autoestima ou comportamentos de risco — e tende a tratar o jovem como objecto de proteção, diagnóstico ou intervenção, em vez de sujeito activo na construção de significados sobre sua própria experiência. Essa limitação impede compreender como os jovens constroem narrativas de si, interpretam o mundo ao seu redor e reorganizam socialmente suas experiências diante da ausência parental.

O estudo visa compreender como os jovens criados longe dos pais constroem sua identidade no contexto da ausência parental, considerando as experiências vividas, os significados que atribuem à ausência, as estratégias que desenvolvem e como se posicionam nas relações sociais, respondendo à seguinte pergunta de partida:

Como os jovens em situação de ausência parental no bairro das Mahotas percebem a si próprios, interpretam o mundo ao seu redor e constroem o seu "EU"?

A relevância dessa pergunta de partida reside no facto de buscar analisar o fenômeno a

partir da perspectiva do próprio sujeito, captando a experiência quotidiana e o papel activo do jovem na construção de significados e sobre sua identidade. Essa abordagem procura compreender não apenas os impactos da ausência parental, mas também as estratégias de resiliência, adaptação e reorganização social que os jovens desenvolvem. Oferecendo uma contributo para a sociologia da infância e adolescência, além de ampliar a compreensão do papel da família e das redes sociais na constituição do "EU" em contextos africanos.

1.4.1. Objectivos

Objectivo Geral:

Compreender como os jovens em situação de ausência parental no bairro das Mahotas percebem a si próprios, interpretam o mundo ao seu redor e constroem socialmente o seu "EU".

Objectivos Específicos:

- Descrever as experiências de ausência parental vivenciadas pelos jovens do bairro das Mahotas.
- Identificar como essas experiências influenciam a forma como os jovens percebem a si próprios e se posicionam socialmente.
- Caracterizar os mecanismos simbólicos e sociais através dos quais os jovens atribuem significado à ausência parental na formação da sua identidade.

CAPÍTULO II

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O presente capítulo tem como finalidade apresentar o enquadramento teórico que sustenta a pesquisa, fornecendo os fundamentos conceptuais necessários para a compreensão da construção social do "Eu" em situação de ausência parental. Para tal, recorre-se a duas teorias, nomeadamente: Teoria dramatúrgica de Erving Goffman (2002) e Teoria da modernidade tardia de Anthony Giddens (2002).

A teoria dramatúrgica de Goffman (2002), tem como foco a forma como os indivíduos constroem, apresentam e gerem a imagem de si mesmos nas interações sociais quotidianas. Partindo da metáfora teatral, o autor enfatiza que a vida social assemelha-se a uma representação na qual os indivíduos desempenham papéis perante diferentes públicos, procurando controlar as impressões que os outros formam a seu respeito.

A escolha desta teoria justifica-se pelo facto de se buscar compreender como os jovens em situação de ausência parental constroem e apresentam o seu "EU" em diferentes contextos sociais. Ela fornece bases analíticas para analisar como esses jovens gerem as impressões sobre si mesmos, lidam com possíveis estigmas associados à ausência parental e desenvolvem formas específicas de apresentação de si perante os outros e estratégias utilizadas para obter reconhecimento, aceitação e pertença social.

A teoria da modernidade tardia de Giddens (2002) tem como foco a compreensão das transformações sociais características das sociedades modernas e dos seus impactos sobre a construção da identidade dos indivíduos. Para o autor, a identidade deixa de ser determinada exclusivamente pela tradição ou pela posição social herdada, torna-se um projecto reflexivo do "Eu".

A escolha desta teoria deve-se ao facto de oferecer instrumentos analíticos para compreender como os jovens em situação de ausência parental interpretam as suas experiências de vida e constroem a sua identidade. A teoria ajuda a compreender a construção do "EU" como um processo contínuo, dinâmico e reflexivo e a analisar os processos de reflexividade através dos quais os jovens atribuem significados às suas trajectórias, reorganizam as suas experiências e desenvolvem estratégias para enfrentar desafios decorrentes da ausência dos pais.

2.1.Teoria da Dramartugia de Erving Goffman (2002)

A teoria da dramaturgia de Erving Goffman (2002) propõe que a vida social pode ser compreendida como uma série de representações teatrais, nas quais os indivíduos actuam diante dos outros, projectando impressões e construindo definições da situação. Segundo o autor, na vida quotidiana os indivíduos não controlam suas acções com rigor estatístico ou científico, mas vivem de inferências, respondendo às expectativas sociais e aos sinais dos demais (Goffman, 2002, p. 13).

Essa perspectiva desloca a análise do indivíduo de um ponto de vista exclusivamente interno para uma compreensão relacional, enfatizando a interacção social como palco onde o "Eu" é constantemente performado e negociado. Diante disso, a teoria dramatúrgica de Goffman (2002) apresenta dez conceitos principais: expressividade, definição da situação, fachada, cenário, representação, impressão, controle de impressão, , maneira, palco e bastidores.

Um dos conceitos centrais da dramaturgia é a *expressividade*, que é a capacidade que os indivíduos têm de transmitir informações sobre si mesmos durante as interacções sociais. É através da expressividade que os outros formam impressões sobre quem somos, o que sentimos, qual posição ocupamos e como pretendemos ser percebidos. Assim, segundo Goffman (2002), ela manifesta-se de duas maneiras distintas: a *expressão que o indivíduo transmite* e a *expressão que emite*.

A primeira refere-se aos símbolos e sinais deliberadamente usados para transmitir informação reconhecida por todos, enquanto a segunda abrange acções que os observadores podem interpretar como indicativas de intenções ou estados internos, mesmo que o indivíduo não as tenha projectado com esse propósito (Goffman, 2002, p. 14).

Esta distinção mostra que a comunicação social é intrinsecamente assimétrica. O indivíduo tem consciência apenas de seu próprio fluxo de comunicação, enquanto os observadores interpretam múltiplos sinais, criando uma percepção que pode ou não corresponder à intenção original (Goffman, 2002, p. 16).

Assim, ao interagir socialmente, o indivíduo projecta uma *definição da situação*, referente à interpretação que os participantes constroem acerca da realidade social em determinado momento. Essa definição de situação é que influencia as respostas dos outros, ou seja, de quem observa, pois os outros constroem suas respostas de com a

interpretação que fazem do que vêe.

Em consonância com essa ideia, Goffman (2002) explica que, quando um indivíduo chega diante de outros, suas acções influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim (Goffman, 2002, p. 15-16).

Essa projecção pode ser consciente e calculada, como quando se busca uma reacção específica ou determinada por normas e tradições do grupo social sem intenção explícita de manipular a percepção alheia (Goffman, 2002, p.16). Assim, a situação cria uma assimetria fundamental no processo de comunicação, uma vez que o indivíduo tem consciência apenas de sua intenção de transmitir determinada impressão, enquanto os observadores percebem tanto a expressão quanto seus efeitos potenciais (Goffman, 2002, p. 16).

Segundo Goffman (2002), essa dinâmica de definição da situação pode gerar ciclos contínuos de encobrimento, revelações falsas e redescobertas contínuas, que permitem ao actor e aos observadores ajustar suas percepções e respostas. Mesmo que a intenção do indivíduo seja limitada ou inconsciente, os efeitos da interacção podem legitimar a definição projectada, estabelecendo uma perspectiva funcional ou pragmática sobre a compreensão compartilhada do que ocorre na situação social (Goffman, 2002, p.18).

Goffman (2002), apresenta o conceito de fachada, que se refere ao equipamento expressivo padronizado utilizado pelo indivíduo para definir a situação aos observadores. Essa fachada possui elementos como o cenário, que, por sua vez, inclui mobília, decoração e disposições físicas que estruturam o espaço da interacção, funcionando como suporte para a performance social. O cenário tende a ser fixo e institucionalizado, permitindo que a interacção ocorra de maneira coerente e previsível, embora em situações excepcionais possa ser móvel ou temporariamente adaptado (Goffman, 2002, p. 29).

A fachada também se desdobra em aparência e maneira: a aparência revela o *status* social e o contexto ritual do indivíduo, enquanto a maneira indica o papel que ele espera desempenhar na interação (Goffman, 2002, p. 31-32). Estas dimensões podem se

contradizer, como quando um indivíduo de um nível social alto age sem arrogância e de forma respeitosa, criando tensão ou ambiguidade interpretativa.

Um outro elemento essencial da dramaturgia é a representação, entendida como toda actividade de um indivíduo que ocorre na presença contínua de um grupo de observadores e que exerce alguma influência sobre eles (Goffman, 2002, p. 21). Goffman (2002) ainda observa que, embora a fachada possa ser utilizada em diferentes práticas, ela tende a se institucionalizar, adquirindo estabilidade, sentido próprio e transformando-se em uma representação colectiva (p. 34). Essa institucionalização permite compreender como normas sociais e expectativas estereotipadas são internalizadas e reproduzidas, contribuindo para a manutenção da ordem social.

A teoria dramatúrgica de Goffman (2002) destaca a dinâmica entre controlo e interpretação, mostrando que a vida social é um ciclo contínuo de encobrimento, revelação, descoberta e redefinição. O indivíduo tenta manter uma coerência na apresentação de si mesmo, mas os observadores possuem autonomia para aceitar, reinterpretar ou contestar as impressões transmitidas (Goffman, 2002, p. 17-18).

Além disso, a institucionalização das fachadas permite que certos padrões de comportamento se tornem representações colectivas, isto é, um modelo social compartilhado, com sentido próprio independentemente das intenções individuais, evidenciando a intersecção entre agência e normas sociais (Goffman, 2002, p. 34).

Dado ao facto de o indivíduo efectivamente projectar uma definição da situação, podem ocorrer eventos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer outro modo lancem dúvidas sobre esta projecção. Quando estes factos perturbadores ocorrem, a própria interacção pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa (Goffman, 2002, p. 20).

Em suma, a teoria da dramaturgia compreende a interacção social como um processo performativo, interpretativo e moralmente estruturado, no qual os indivíduos gerenciam impressões, projectam definições de situações e negociam sentidos continuamente com os observadores. Ela destaca que a vida social é construída a partir de uma complexa rede de representações, fachadas, cenários, aparências e maneiras que moldam tanto o comportamento individual quanto a percepção colectiva.

Assim, Goffman oferece um modelo para analisar como a vida quotidiana é essencialmente um palco de performances sociais e interpretações mútuas, mostrando

que a realidade social é, em grande parte, resultado das interacções performativas entre os actores e os observadores (Goffman, 2002). Por exemplo, Bullingham & Vasconcelos (2013), num estudo sobre a construção da identidade em ambientes virtuais, recorreram a teoria da dramaturgia de Goffman para analisar a forma como os indivíduos apresentam diferentes versões de si próprios perante distintas audiências. Os autores concluíram que a teoria possui um forte alcance explicativo para compreender os processos de gestão da impressão e de construção da identidade. Destacaram que os indivíduos selecionam estrategicamente quais aspectos da sua identidade desejam revelar ou ocultar para obter o reconhecimento social.

Contudo, os autores observam que essa teoria privilegia os processos de interacção e oferece poucos instrumentos para explicar os factores estruturais que condicionam essa representação do "Eu", como relações de poder, desigualdades sociais, etc. Por isso, o presente estudo, procurou ultrapassar parcialmente essa limitação através da articulação entre Goffman (2002) e Giddens (2002). Dessa forma, enquanto Goffman (2002) ajuda a compreender como os jovens criados longe dos pais administram sua imagem social, enfrentam estigmas e procuram reconhecimento, Giddens (2002) reforça ajudando a analisar os processos reflexivos através dos quais esses jovens atribuem significado às suas trajectórias e constroem projectos de vida. Dito isso, a seguir dar-se-á a apresentação da teoria da modernidade tardia de Giddens (2002).

2.2.Teoria da Modernidade Tardia de Anthony Giddens (2002)

A teoria da modernidade de Anthony Giddens (2002) constitui uma das abordagens através das quais se pode compreender as transformações estruturais e subjectivas que caracterizam o mundo contemporâneo. Para o autor, a modernidade não deve ser entendida apenas como um conjunto de mudanças institucionais, mas como um processo que altera profundamente tanto a organização social quanto a experiência individual.

Giddens (2002) afirma que as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social, quanto ao seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e ao seu impacto global (Giddens, 2002, p. 12). Essas transformações sociais não se limitam à expansão das estruturas sociais, mas implicam uma reconfiguração qualitativa da vida quotidiana, afectando directamente os aspectos mais íntimos da existência humana, como os procesoes de construção da identidade.

Na teoria da modernidade tardia de Giddens (2002), destacam-se cinco conceitos principais, a saber: reflexividade, auto-identidade, projecto reflexivo do Eu, confiança básica, segurança ontológica.

O conceito de reflexividade é central nessa teoria que, segundo o autor, se refere à capacidade que os indivíduos possuem de pensar sobre si mesmos, avaliar suas experiências e reorganizar suas acções à luz dessas reflexões. Na modernidade tardia a identidade tem de ser construída reflexivamente, em meio a uma multiplicidade de escolhas e possibilidades (Giddens, 2002, p. 12). Isso significa que os indivíduos são continuamente chamados a monitorar suas acções, rever suas decisões e reorganizar suas trajetórias de vida reflexivamente.

A reflexividade não se limita ao plano cognitivo, mas se estende às dimensões emocionais e relacionais da vida social. Giddens (2002, p. 14) observa que os indivíduos tendem a se recapacitar em maior profundidade quando se trata de transições importantes em suas vidas ou quando precisam tomar decisões sérias, indicando que momentos de crise ou mudança intensificam o processo reflexivo.

Assim, a identidade, segundo Giddens (2002), não é uma entidade passiva determinada por forças externas; pelo contrário, é um projecto reflexivo, no qual o indivíduo continuamente organiza e reorganiza sua biografia, suas experiências e sua identidade ao longo do tempo. Esse processo reflexivo implica que cada pessoa deve interrogar-se sobre suas próprias acções e decisões em contextos marcados por uma diversidade complexa de escolhas e possibilidades (Giddens, 2002, p. 9).

O projecto reflexivo do Eu envolve a integração de experiências, riscos e oportunidades, permitindo que o indivíduo negoceie a própria identidade frente a situações inesperadas ou desafiadoras, como a dissolução de relações conjugais. Pesquisas como as de Wallerstein e Blakeslee (2002) citados pelo autor, ilustram esse ponto ao mostrar que o divórcio representa tanto uma crise quanto uma oportunidade de crescimento emocional, reconstrução da auto-estima e fortalecimento de relações íntimas. Por isso, os filhos de famílias divorciadas enfrentam desafios específicos no desenvolvimento da identidade, devido à fragmentação dos laços familiares (Giddens, 2002, p. 17-19).

Esse processo de negociação encontra-se intimamente ligado à ideia de que a auto-identidade é uma construção narrativa, ou seja, elaboração de um relato biográfico. Giddens (2002) afirma que cada indivíduo vive uma biografia reflexivamente

organizada, estruturada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas disponíveis. Essa identidade não é um dado fixo, mas um projecto contínuo que exige coerência temporal e integração entre passado, presente e futuro (Giddens, 2002, p. 20; p. 54).

Essa construção de identidade ocorre em um contexto marcado pela influência dos sistemas abstratos, pela mediação da experiência e pela presença constante de riscos. A modernidade amplia as possibilidades de escolha, mas também introduz incertezas, contribuindo para a fragmentação do Eu que pode se apresentar como frágil, quebradiço, fraturado ou fragmentado (Giddens, 2002, p. 158).

Assim, a confiança, um mecanismo de triagem em relação a risco e perigos que cercam a acção e a interacção, torna-se um elemento central. Giddens (2002) afirma que a confiança é um fenómeno genérico crucial do desenvolvimento da personalidade e desempenha um papel fundamental na construção de um casulo protector que sustenta o Eu diante das incertezas da vida quotidiana (Giddens,2002, p. 12; p. 43).

Essa confiança tem origem nas primeiras experiências da infância, sendo construída a partir da relação com aqueles que cuidam da criança, especialmente através da rotina e da previsibilidade das interacções (Giddens, 2002, p. 42). Assim, a socialização desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da confiança porque é através dela que o indivíduo aprende desde cedo a perceber o mundo como previsível, seguro e compreensível.

A partir dessas experiências iniciais, desenvolve-se o que Giddens denomina de segurança ontológica, isto é, um senso de continuidade e estabilidade do mundo e do Eu. A criança, inicialmente à beira de uma ansiedade impensável constrói esse referencial por meio da confiança e da repetição de rotinas, que permitem distinguir entre ser e não-ser e estabelecer uma base para a existência (Giddens, 2002, p. 42).

A confiança básica funciona, assim, como uma inoculação emocional contra ansiedades existenciais, permitindo ao indivíduo enfrentar riscos e perigos ao longo da vida. No entanto, essa segurança nunca é absoluta pois a modernidade introduz constantemente novos riscos, fazendo com que a vida social seja marcada por um estado quase permanente de crise (Giddens, 2002, p. 43).

Giddens (2002) acrescenta que, virtualmente, toda experiência humana é mediada pela liguagem e que essa linguagem permite o distanciamento no tempo e no espaço, ampliando o alcance da acção humana. Por isso o autor considera que essa mediação possibilita a construção da realidade social para além da experiência imediata, integrando elementos ausentes ou nunca directamente vivenciados (Giddens, 2002, p. 46). A identidade do Eu é construída não apenas a partir da experiência directa, mas também de narrativas, conhecimentos e representações socialmente compartilhadas.

Giddens (2002) argumenta que a intimidade também se torna reflexiva, exigindo negociação contínua entre os indivíduos e a construção de novas formas de relacionamento (Giddens, 2002, p. 14). Transformações como o divórcio e a reorganização familiar ilustram esse processo. Dai que estudos citados pelo autor entitulados *Segundas chances* de Wallerstein e Blakeslee, mostram que o divórcio pode representar simultaneamente uma crise e uma oportunidade de crescimento, exigindo que os indivíduos reconstruam suas identidades e relações sociais (Giddens, 2002, p. 17-19).

Em suma, a teoria de Giddens articula uma série de conceitos interdependentes: a reflexividade do "Eu" está ligada à mediação da experiência e à influência dos sistemas abstratos; a confiança básica sustenta a segurança ontológica, permitindo a continuidade da identidade; a trajectória biográfica integra passado, presente e futuro; e a modernidade, ao mesmo tempo que amplia possibilidades, introduz riscos e fragmentações. Esses elementos formam um quadro teórico que compreende a construção do "Eu" como um processo contínuo, reflexivo e socialmente mediado.

A noção de confiança básica e segurança ontológica ajuda a compreender como a ausência parental pode afectar o desenvolvimento emocional e a estabilidade do "EU", uma vez que essas dimensões são construídas nas primeiras relações de cuidado. Além disso, o conceito de projecto reflexivo do "Eu" ajuda a analisar como esses jovens reorganizam suas identidades diante de experiências de ausência, reconstruindo suas trajectórias biográficas em contextos de ruptura ou descontinuidade.

Assim, o trabalho articula a teoria da dramaturgia de Goffman e a teoria da modernidade tardia de Giddens através da distinção de dois níveis de análise da identidade. Num primeiro nível, Goffman (2002) é utilizado para analisar as interações sociais quotidianas. Isto é, a forma como os indivíduos constroem e ajustam a sua apresentação

de si em função dos contextos e expectativas sociais. Num segundo nível, Giddens (2002) é mobilizado para compreender o processo da construção reflexiva da identidade ao longo da trajectória da vida, enfatizando a influência das estruturas sociais e da experiência biográfica na formação do "EU".

2.3.Enquadramento conceitual

A presente secção tem como finalidade apresentar os principais conceitos que orientam a análise desta pesquisa, delimitando e clarificando os termos centrais utilizados ao longo do estudo. Neste trabalho, são privilegiados quatro (4) conceitos principais, ausência parental, identidade, reflexividade e estratégias de enfrentamento.

2.3.1. Ausência Parental

Ausência parental refere-se à situação em que a criança ou o jovem cresce sem a presença de um ou de ambos os pais no seu processo de socialização e desenvolvimento. Essa ausência pode comprometer o envolvimento parental nas dimensões de cuidado, orientação e apoio (Amato, 2000).

McLanaham e Sandefur (1994) definem a ausência parental como a não residência de um dos pais biológicos no agregado familiar da criança.

Em um contexto mais contemporâneo, a ausência parental não se resume apenas à falta de presença física, mas também à falta de uma figura orientadora que influencie no processo de socialização e formação de identidade (Bronfenbrenner, 1979).

Na presente pesquisa, a ausência parental será compreendida a partir da definição de Amato (2000), que a carecteriza como a situação em que a criança ou o jovem cresce sem a presença de um ou ambos os pais em seu processo de socialização e desenvolvimento, o que compromete o envolvimento parental nas dimensões de cuidado, orientação e apoio. A escolha dessa definição não deve-se ao facto de ser mais longa, mas ao facto de estar mais alinhada ao fio de pensamento que busca-se trazer no presente estudo.

2.3.2. Identidade

A identidade é um processo dinâmico, em constante negociação, influenciado pela experiência e interações sociais ao longo da vida, sendo construída sempre em relação ao contexto social e cultural (Hall, 2011)

Goffman (1959) em a Apresentação do Eu na vida quotidiana argumenta que a identidade de uma pessoa é moldada através das interações sociais e da performance cotidiana. A construção do "Eu" é um processo dinâmico no qual o indivíduo busca reflectir a imagem que deseja projectar aos outros, ao mesmo tempo em que interage com diferentes contextos sociais.

Giddens (2002), por sua vez, enfatiza a ideia de que a identidade moderna é reflexiva, sendo moldada continuamente através das escolhas pessoais e das reflexões sobre o próprio passado. Para o autor, identidade refere-se à reflexividade contínua do eu. A identidade não é algo fixo, mas sim um processo contínuo de adaptação, conforme as situações sociais mudam.

Para Mead (1934), identidade é a consciência de si mesmo que surge através das interações sociais, sendo o indivíduo capaz de se perceber a partir da perspectiva dos outros.

Dentre os diversos conceitos apresentados de identidade, optou-se pelo conceito de Giddens (2002), que define a identidade como a reflexividade contínua do eu, ou seja, ao modo como os indivíduos interpretam, organizam e recriam sua biografia a partir das informações sociais e experiências acumuladas. Essa escolha justifica-se pelo facto de que a definição enfatiza o carácter dinámico e reflexivo da identidade que orienta o trabalho, uma vez que Giddens faz parte do quadro teórico do estudo.

2.3.3. Reflexividade

Para Giddens (2002) a reflexividade refere-se ao uso regular de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social, caracterizada por um processo contínuo de autoavaliação e revisão.

Reflexividade é o processo de referir-se a si mesmo e aplica-se tanto à teoria quanto às pessoas. É a capacidade humana de pensar e se referir a si mesmo como se fosse outra pessoa (Jhonson, 1995).

Para o conceito de reflexividade optou-se pela definição apresentada por Jhonson (1995), que define a reflexividade como o processo de referir-se a si mesmo, aplicando-se tanto à teoria quanto às pessoas pois parece ser mais clara e de fácil compreensão em relação a de Giddens (2002).

2.3.4. Estratégias de enfrentamento (*coping*)

As estratégias de coping referem-se aos esforços cognitivos e comportamentais para lidar com exigências específicas. *Coping* envolve esforços para gerir demandas internas e externas percebidas como excessivas (Lazarus e Folkman, 1984).

Para Giddens (2002), podemos referir que se fala de estratégias de enfrentamento quando os indivíduos desenvolvem estratégias para lidar com situações adversas e reconstruir o sentido de si.

Por sua vez, Moos (1992) refere que enfrentamento diz respeito a respostas adaptativas ou funcionais de indivíduos diante de eventos adversos, com o objectivo de reduzir a pressão psicológica ou de manter a integridade.

Neste conceito, optou-se pela definição de Giddens (2002), que entende estratégias de enfrentamento como os processos pelos quais os indivíduos desenvolvem formas de lidar com situações adversas e reconstruir o sentido de si. Essa definição foi escolhida por destacar o carácter activo e reflexivo do sujeito na reorganização de sua vida.

2.4. Quadro de operacionalização dos conceitos

Nesta pesquisa tomamos como base quatro conceitos principais. A sua operacionalização apresenta-se da seguinte maneira:

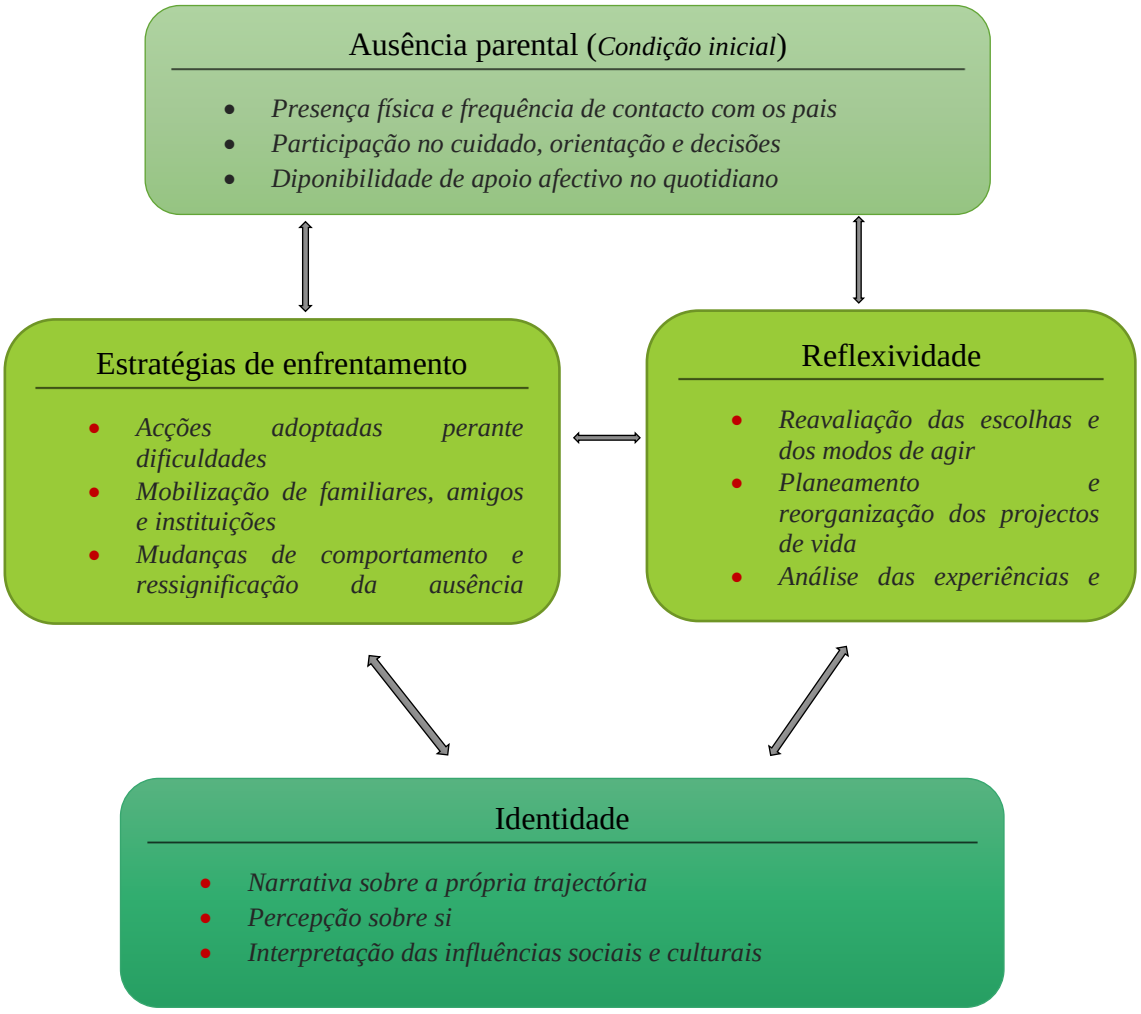
Tabela 1: Quadro de operacionalização dos conceitos

Conceito	Dimensão	Indicadores
Ausência parental	Ausência física dos pais Redução do cuidado e supervisão	Frequência de contacto ou convivência com os pais Participação dos pais em decisões importantes da vida do jovem
	Falta de apoio emocional e orientação	Disponibilidade de apoio afectivo e orientação em situações do dia- a- dia
Identidade	Construção da biografia pessoal	Relatos sobre a trajectória de vida

	Consciência das próprias experiências	Interpretação de experiências pessoais
	Relação com o contexto social	Reconhecimento de influências sociais e culturais no “Eu”
Reflexividade	Autoconsciência sobre acções e decisões	Capacidade de analisar decisões passadas
	Revisão crítica do comportamento	Ajustes comportamentais baseados em reflexão pessoal
	Planeamento e reorganização da própria vida	Planeamento de repostas face a desafios e mudanças
Estratégias de enfrentamento	Técnica para lidar com problemas	Acções adoptadas para superar dificuldades
	Uso de recursos sociais e comunitários	Mobilização de familiares, amigos ou instituições para apoio
	Ressignificação de experiências adversas	Mudança de comportamento ou perspectiva face à ausência parental

2.5.Modelo de análise

A seguir apresentamos o modelo de análise, o esquema que representa a relação entre a interdependência dos conceitos principais:



O presente modelo de análise parte do pressuposto de que a ausência parental constitui uma experiência significativa que influencia o percurso da vida dos jovens. Neste modelo, a ausência parental é entendida como a condição inicial que desencadeia um conjunto de experiências, desafios e transformações que marcam o processo de construção da identidade.

Perante essa ausência, os indivíduos desenvolvem estratégias de enfrentamento que lhes permitem lidar com esses desafios decorrentes da ausência dos pais. Essas estratégias articulam-se com a reflexividade, através da qual os jovens interpretam e atribuem significados às suas experiências.

Assim, com base nesses significados, ocorre a construção do “Eu” e da identidade social dos jovens e, por sua vez, essa identidade construída influencia a maneira como esses jovens percebem e interpretam a ausência parental na sua vida.

CAPÍTULO III

3. Metodologia

O presente capítulo descreve e justifica os procedimentos metodológicos que orientaram a realização deste estudo que analisa a construção do "EU" em jovens em situação de ausência parental no bairro das Mahotas. A definição do percurso metodológico mostra-se fundamental para o presente estudo, pois estabelece os procedimentos mais adequados para compreender o fenómeno de construção da identidade, destacando como os dados foram recolhidos, analisados e interpretados. Assegurando a coerência entre o problema de pesquisa, os objectivos do estudo e o referencial teórico.

O estudo adoptou uma abordagem qualitativa, de carácter descritivo e compreensivo, por se considerar que o estudo da construção da identidade dos jovens exige a compreensão das suas experiências, significados e interpretações sobre a ausência parental. Para a recolha de dados foram feitas entrevistas semiestruturadas em quinze jovens, do Bairro das Mahotas, por se tratar de um local de fácil acesso para nós. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, por possibilitar organizar e interpretar as informações recolhidas, identificando padrões e significados relacionados a identidade, a gestão da imagem social e os efeitos da ausência parental.

A seguir são apresentados e fundamentados o tipo de pesquisa adoptado, o método de abordagem usado, o grupo alvo e sua respectiva amostra, método de procedimento, técnica de recolha de dados, técnica de análise de dados e questões éticas.

3.1. Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo qualitativo (Marconi e Lakatos (2010), por centrar-se na compreensão aprofundada das experiências, percepções e significados que os jovens em situação de ausência parental atribuem à construção do seu "EU". A pesquisa qualitativa capta a complexidade dos fenómenos sociais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, valorizando o contexto em que estão inseridos.

Assim a escolha deste tipo de pesquisa justifica-se pelo facto de o estudo pretender analisar como os jovens constroem sua identidade diante da ausência parental, explorando as suas vivências, estratégias e interpretações da realidade social.

O estudo apresenta um carácter descritivo- compreensivo. É descritivo- compreensivo porque procurou, simultaneamente, descrever e compreender o fenómeno de construção

da identidade por jovens em situação de ausência parental. O foco da descrição foi retratar as experiências e vivências dos jovens em situação da ausência parental, identificando os elementos que caracterizam o processo de construção da identidade. Quanto ao carácter compreensivo o foco foi interpretar os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e às suas interações sociais.

3.2. Método e Abordagem

A pesquisa adoptou uma abordagem qualitativa-compreensiva, que se centra na compreensão dos significados que os indivíduos atribuem às suas experiências e acções no contexto social em que vivem. De acordo com Weber (1999), a tarefa das ciências sociais consiste em compreender de forma interpretativa a acção social, procurando captar os sentidos que orientam o comportamento dos indivíduos. Através dessa abordagem analisou-se os fenómenos sociais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, valorizando suas interpretações, experiências e formas de atribuição de sentido à realidade. A escolha dessa abordagem justifica-se pelo facto de o fenómeno em estudo envolver dimensões subjectivas e simbólicas que exigem uma análise interpretativa e contextualizada.

Paralelamente, a pesquisa recorre ao método compreensivo proposto por Max Weber (1991), que consiste na compreensão do sentido subjectivo que os indivíduos atribuem às suas acções e experiências sociais. A interpretação das acções sociais parte da perspectiva dos próprios actores, buscando as motivações, significados e orientações que influenciam o seu comportamento no contexto em que vive. Deste modo, o estudo optou em procurar compreender o fenómeno da construção social do “EU” por jovens em situação de ausência parental nas Mahotas a partir das interpretações constuidas pelos participantes, em vez de buscar explicações causais.

3.3. Grupo alvo e amostra da Pesquisa

O grupo alvo desta pesquisa foram os jovens residentes no bairro das Mahotas que vivenciaram situações de ausência parental, incluindo casos de ausência da mãe, do pai ou de ambos, por constituírem o grupo directamente relacionado ao fenómeno em análise.

Para recolha de dados, recorreu-se a uma amostragem não probalística de carácter intencional, isto é, amostragem em que os participantes são deliberadamente selecionados com base nas características especificas que os tornam relevantes para o

estudo. Segundo Gil (2008), é na amostragem intencional que o investigador escolhe os participantes que considera adequados para fornecer informações relevantes sobre o fenómeno investigado.

3.4. Critérios de inclusão

Os jovens que participaram da pesquisa foram selecionados com base em critérios específicos: ser do Bairro das Mahotas ou ter residido no bairro durante a infância e a adolescência, ter passado pela situação de ausência parental durante a infância e adolescência, ter idade compreendida entre 18 e 30 anos, disposição para participar voluntariamente da pesquisa.

3.5. Critérios de exclusão

O critério de exclusão dos participantes seguiu a seguinte linha: não ter vivido a infância nem a adolescência no Bairro das Mahotas, não ter passado pela situação de ausência parental, não aceitar participar da entrevista.

3.6. Método de procedimento

Como método de procedimento, optou-se pelo *estudo de caso,* que segundo Gil (2008), consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objectos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. A escolha deste método justifica-se pela necessidade de compreender, de forma aprofundada, a construção da identidade dos jovens em situação de ausência parental no Bairro das Mahotas, considerando as particularidades das suas experiências e do contexto social no qual estão inseridos.

O estudo do caso foi desenvolvido mediante a delimitação do fenómeno da ausência parental no Bairro das Mahotas, seguida da definição dos participantes com base em critérios de inclusão. A recolha de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Posteriormente, os dados foram organizados, submetidos a análise do conteúdoe interpretados à luz das teorias de Goffman (2002) e Giddens (2002), culminando na apresentação e discussão dos resultados.

3.7. Técnica de recolha de dados

A recolha de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, uma técnica de recolha de dados baseada num guião de entrevista previamente elaborado que consta em anexos, que orientou a abordagem dos temas centrais do estudo. A natureza semiestruturada das entrevistas possibilitou aprofundar respostas, formundo questões

complementares e explorando temas emergentes durante a interacção com os participantes, sempre em consonância com os objectivos do estudo.

No total foram feitas quinze entrevistas, dos quais sete foram com homens e oito com mulheres. Colocando questões relacionadas a estratégias de enfrentamento da ausência parental, redes de apoios conseguidos durantes esse período e com a maneira como eles interpretam a ausência que viveram.

Essas entrevistas tinham duração que variava entre sesenta e noventa minutos, depois da assinatura do termo de consentimento livre e informado. Seis delas foram feitas em jovens em que ja viviam nas Mahotas, mas que passaram lá a infância e adolescência e as outras restantes em jovens que ainda faziam parte do Bairro.

3.8. Técnica de Análise de Dados

Para a análise e interpretação dos dados foi utilizada a técnica de *Análise de Conteúdo*, que segundo Bardin (2016) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter por procedimentos sistemáticos e objectivos, permitindo a inferência de significados a partir dos conteúdos das mensagens. Esta técnica possibilita transformar as informações obtidas em categorias de análise, facilitando a identificação de temas recorrentes, padrões de significados e relações presentes nos discursos dos participantes.

Optou-se por essa técnica pelo facto de se considerar adequada para pesquisas qualitativas que procuram compreender sentidos e interpretações atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, permitindo uma leitura mais aprofundada e estruturada dos dados empíricos.

3.9.Questões éticas

Segundo Colonna (2012), o processo de pesquisa envolve a responsabilidade do cientista ou investigador no campo da ética, no sentido do pesquisador não pensar somente nos ganhos da pesquisa, mas também nos riscos que os sujeitos da pesquisa terão ao participar da pesquisa.

Dentre outros vários procedimentos éticos no presente estudo, foi elaborado e apresentado aos participantes o termo de consetimento livre e informado, que foi usada para garantir que os sujeitos da pesquisa ou os entrevistados tivessem a compreensão do que o estudo aborda. E, por seguinte, decidissem de forma voluntária a participar por meio de assinatura.

Foi feita o esclarecimento prévio dos objectivos da pesquisa e sobre a natureza das perguntas que seriam colocadas e também a forma como seriam armazenados os dados recolhidos por meio das entrevistas. Procuramos garantir o nonimato, usando de pseudónimos; Sigilo dos dados recolhidos, armazendando nnum local seguro e sem acesso à terceiros de forma integral; e direito de recusa ou desistência a qualquer momento da recolha de dados. Deixamos claro que os dados recolhidos eram estritamente para fins académicos e que o trabalho seria alvo de apresentação e debate somente na academia.

A recolha de dados foi realizada no Bairro das Mahotas, na Cidade de Maputo, com base em entrevistas semi-estruturadas aplicadas a jovens que cresceram longe dos pais na infância e na adolescência.

3.10. Constrangimentos e Limitações da Pesquisa

Durante a realização deste estudo, foi possível identificar alguns constrangimentos que interferiram directa ou indirectamente no processo de recolha e análise dos dados:

Tivemos dificuldades em encontrar participantes com o perfil exacto definido nos critérios de inclusão, uma vez que nem todos os jovens estavam dispostos a partilhar suas vivências familiares. Tivemos de prolongar os dias definidos para a execução das entrevistas, de um mês para dois meses e três semanas. Foram feitas várias ligações telefónicas e visitas prévias aos participantes, explicando os objectivos da pesquisa e esclarecendo a natureza académica do trabalho, como forma de sensibilizar e ganhar a confiança destes, para posterior adesão voluntária.

Os participantes forem encontrados por meio de vistitas ao Bairro das Mahotas, conversa com alguns membros do Bairro, uma vez que a pesquisadora já conhecia algumas pessoas que passaram por ausência e alguns deles fazem parte do cinclo de amizade da mesma.

Presenciamos resistência emocional dos participantes sobretudo por se tratar de experiências relacionadas à ausência dos pais. Para superar esse constrangimento, optamos por demonstrar sensibilidade, respeito e nossa compreensão pelo estado dos participantes.

Observou-se que o ambiente em que algumas entrevista estavam decorrendo interferiam na abertura dos participantes pois não era possível garantir total privacidade,

comprometendo a espontaneidade das respostas. Como forma de resolver essa situação tivemos de reagendar as entrevistas, combinando novos horários e locais mais adequados para que os participantes tivessem maior tranquilidade e privacidade, e num dos casos optamos por uma entrevista on-line através do whatsapp, onde o terma do consentimento livre e informado foi concedido por meio de uma mensagem de texto. Enviou-se o guião da entrevista em forma de mensagem texto da e o participante respondeu igualmente.

Os entrevistados não autorizaram a gravação das suas falas, pelo que optamos pela recolha de dados escritos em tempo real por uma assistente que acompanhava a recolha dos depoimentos. Ela era responsável por registar por escrito as respostas dos participantes, enquanto decorriam as entrevistas. Desta forma, enquanto a assistente passava para o papel as falas, por outro lado registáva-se apenas palavras-chave e elementos centrais das respostas, assegurando a escuta activa e o acompanhamento do discurso dos participantes. Posteriormente, os registos foram organizados e sistematizados de modo a preservar melhor conteúdo das entrevistas.

Apesar da articulação entre os resultados empíricos e o quadro teórico mobilizado, a conclusão da presente investigação apresenta três limitações quando analisada à luz da revisão da literatura. Em primeiro lugar, a pesquisa privilegiou a compreensão das experiências e significados atribuídos pelos jovens à ausência parental, o que limitou a exploração de outras dimensões do fenómeno abordadas por parte da literatura, como as diferenças do gênero, as trajectórias escolares ou as distintas configurações familiares associadas à ausência parental.

Em segundo, observa-se uma limitação referente ao carácter contextual da investigação. Os resultados foram produzidos a partir das experiências de jovens residentes no Bairro da Mahotas e, por isso, reflectem realidade social específica. Consequentemente, as conclusões não podem ser generalizadas para todos os jovens em situação de ausência parental, especialmente aqueles inseridos em contextos socioculturais distintos.

E por fim, observa-se que a pesquisa centrou-se nas narrativas dos participantes num determinado momento das suas trajectórias de vida. Assim, não foi possível acompanhar longitudinalmente as transformações da identidade ao longo do tempo, aspecto que alguns estudos identificados na revisão da literatura consideram relevante para compreender os processos de construção da identidade.

Contudo, diante dessas limitações foram adoptadas algumas estratégias metodológicas e analíticas para assegurar maior consistência aos resultados do estudo como: delimitar o foco na compreensão das narrativas dos participantes, analisando os significados atribuidos à ausência parental perante a construção do "EU", conforme os objectivos definidos; o estudo assumiu o contexto local como a unidade de análise, realizando uma descrição das experiências dos participantes dentro da realidade estudada, sem pretender generalizar os resultados para todos os jovens em situação de ausência parental; e o estudo recorreu às narrativas dos jovens sobre as suas trajectórias de vida, considerando as experiências passadas e as interpretações actuais sobre a ausência parental e a construção da identidade.

Assim, a nível empírico a pesquisa evidencia que a ausência parental não pode ser compreendida apenas como uma condição familiar, mas como um fenómeno com impacto directo na formação da identidade juvenil. Isto implica a necessidade de maior atenção por parte da família, da comunidade e das instituições sociais no acompanhamento de jovens que vivenciam essa realidade, de modo a fortalecer redes de apoio e reduzir vulnerabilidades associadas à situação desses jovens.

CAPÍTULO IV

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo trás a apresentação, a análise e a discussão dos resultados obtidos a partir de quinze entrevistas realizadas com jovens que cresceram longe dos pais, residentes no bairro das Mahotas. Este capítulo, encontra-se organizado em seis secções, que seguem uma lógica analítica que vai do particular para o geral e do processo para os efeitos.

Primeiro é apresentado o perfil sócio-demográfico dos participantes, onde encontra-se a informação obtida resumidamente em tabela. Segundo, é apresentada a vivência da ausência parental e as estratégias de enfrentamento e adaptação desenvolvidas, discutimos as formas pelas quais o grupo alvo lida com as dificuldades decorrentes da ausência parental. Terceiro, as diferenças e experiências de estigma, onde discutimos as situações de julgamento, discriminação e rotulação social vivenciadas pelos jovens em situação de ausência parental. quarto, recursos e apoios sociais, onde examinamos os principais recursos e redes de apoio mobilizados pelos jovens ao longo do seu processo de crescimento. Por fim, o impacto da ausência parental na construção do "Eu" e da identidade social, onde discutimos de que maneira a ausência parental influencia os processos de construção do "Eu" e da identidade social dos jovens.

4.1. Descrição perfil sóciodemográfico dos entrevistados

Nesta secção apresentamos informações inerentes aos entrevistados, que nos permitiu identificar a tragetória e o estado actual dos mesmos.

Tabela 1: Perfil sóciodemográfico dos entrevistados

Nº	***Idade***	***Sexo***	***Nível académico***	***Ocupação***	***Parente ausente***	***Motivos da ausência***	***Cuidadores***	***Figuas de apoio***
1	19	F	Básico	Venda ambulante	Pai	Abandono	Mãe	Mãe e Vizinha
2	20	M	Técnico	Aprendiz de mecânica	Mãe	Migração	Pai	Pai e Igreja
3	21	F	Médio	Estudante	Ambos	Morte	Avós maternos	Avós
4	22	M	Elementar	Pedreiro	Pai	Prisão	Tia	Tia e Igreja

							materna	
5	22	F	Médio	Estudante	Ambos	Separação	Tios paternos	Nenhuma
6	22	M	Médio	Estudante	Ambos	Separação	Madrasta	Amigos
7	23	F	Médio	Comerciante	Ambos	Morte (pai) e Abandono (mãe)	Avó e Tios paternos	Tios e primos
8	23	F	Médio	Voluntária numa organização humanitária	Mãe	Separação	Avó materna	Membros da Organização humanitária
9	23	F	Médio	Empreendedora	Ambos	Morte	Avó e Tia maternas	Tios
10	24	M	Médio	Estudante e corrector de seguros	Ambos	Morte (pai) e Doença (Mãe)	Madrasta	Amigos
11	24	F	Médio	Servente	Pai	Separação	Mãe e Padrasto	Mãe e tios
12	26	M	Superior	Formador e empreendedor	Pai	Separação	Mãe	Mãe
13	28	M	Superior	Estudante	Pai	Separação	Mãe	Mãe, tios e amigos
14	30	F	Técnico	Empreendedora	Mãe	Separação	Pai e madrasta	Pai
15	30	M	Técnico	Motorista	Ambos	Morte	Avó e Tios maternos	Tios

Os dados na tabela mostram que participaram quinze jovens, dos quais 8 foram mulheres e 7 homens, com idades compreendidas entre 19 e 30 anos, apresentando níveis de escolaridade que variam entre ensino médio, técnico e superior.

Quanto às causas da ausência, destacam-se a separação conjugal, a morte, a migração e a prisão, evidenciando que a ausência parental não resulta de uma única condição social.

Um dos aspectos mais significativos observados refere-se às figuras responsáveis pelo cuidado dos participantes durante a infância e adolescência. Os dados indicam que mães, avós, tios, padrastos e madrastas assumiram funções centrais de protecção, orientação e socialização.

4.2. Da Vivência da Ausência Parental à Construçãp de Estratégias de enfrentamento

A vivência da ausência parental constitui uma das primeiras dimensões identificada nos relatos dos entrevistados, surgindo como uma experiência marcada por sentimentos de falta, vazio, tristeza e questionamentos sobre a própria trajectória de vida.

Os entrevistados reconhecem que a ausência dos pais foi uma experiência marcante em suas trajectórias. Em muitos casos, a dor emocional aparece como elemento inaugural dessa ausência. Como mostra o depoimento abaixo:

> *"Eu lidei com a ausência aprendendo a tornar-me independente muito cedo. Desenvolvi uma rotina emocional de autocontrolo: sempre guardei os meus sentimentos para mim mesma, porque não tinha com quem partilhar. A solidão ensinou-me a ser forte, mas também criou um lado meu que raramente pede ajuda."* (Entrevistado 8, 23 anos)

Esta narrativa destaca que a ausência parental foi vivida, não apenas como uma falta afectiva, mas também como uma experiência que exigiu a construção precoce de mecanismos de adaptação emocional, como autocontrole, guardar os sentimentos para si mesma. Contudo, a mesma estratégia que permitiu a sua adaptação também produziu dificuldades na procura de ajuda e na expressão de emoções.

Isso leva-nos a perceber que o enfretamento da ausência parental envolve simultaneamente ganhos e custos emocionais. A autonomia desenvolvida nem sempre corresponde a um processo livre de sofrimento, mas faz parte, segundo Giddens (2002), de uma biografia reflexivamente organizada, estruturada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas disponíveis para esses jovens. Em alguns casos, a dor emocional, acompanha o processo até a fase adulta, como podemos ver no depoimento abaixo:

> *"Hoje, já adulto lido com a ausência com mais serenidade, mas ainda não consigo falar com o meu pai. Ele tentou contacto há alguns anos, mas percebi que não estava emocionalmente preparado para confrontar o passado."* (Entrevistado 13, 28 anos)

O depoimento mostra que os efeitos da ausência parental não desaparecem com o avanço da idade. Embora o entrevistado afirme lidar com a situação de forma mais serena, a dificuldade em estabelecer contacto com o pai demonstra que determinadas experiências permanecem emocionalmente activas ao longo da vida. O passado continua a influenciar o presente, por isso podemos dizer, sob perspectiva de Giddens (2002), que o participante procura constantemente reinterpretar a sua trajectória biográfica e atribuir sentidos às experiências vividas mesmo muitos anos após a ocorrência da ruptura familiar.

Do mesmo modo, os entrevistados expressam a sensação de terem sido forçados a amadurecerem antes do tempo ou de forma precoce:

> *"Acredito que sim, teria sido muito diferente. Talvez tivesse continuado os estudos além da 9ª classe, porque teríamos melhores condições financeiras e menos pressão para eu começar a trabalhar cedo [...]. Talvez tivesse tido mais tempo para ser criança, sem tantas responsabilidades precoces."* (Entrevistado 1, 19 anos)

Este relato demonstra que o sentimento de falta não está apenas associado à dimensão afectiva, mas também às oportunidades perdidas em consequência da ausência parental. O entrevistado relaciona directamente a ausência do pai com a necessidade de ingressar precocemente no trabalho e interromper parte da sua trajectória escolar. A experiência da ausência parental parece, assim, associada à responsabilização precoce e à redução do tempo destinado à vivência da infância. Em alguns casos, resposta surge a estratégia de enfretamento baseada na reconstrução simbólica da ausência parental, como podemos ver no depoimento a seguir:

> *"Eu lidei com a ausência do meu pai criando para mim mesmo uma narrativa de que não precisava dele […] Sou um homem que carrega uma história de ausência, mas que escolheu transformá-la em*

> *movimento. […] Mas é possível construir-se, reconstruir-se e criar raízes mesmo sem raízes iniciais."* (Entrevistado 13, 28 anos)

O entrevistado afirma ter criado uma narrativa segundo a qual não precisava do pai, demonstrando um esforço consciente de ressignificação da falta. Em vez de permanecer preso à condição de filho abandonado ou privado da presença paterna, procura reinterpretar a sua trajectória de forma a reduzir o impacto emocional da ausência. A construção dessa narrativa funciona como mecanismo de protecção psicológica e social.

A frase " é possível construir-se, reconstruir-se e criar raízes mesmo sem raízes iniciais" sintetiza a capacidade reflexiva do sujeito de reconstruir sua identidade apesar da ausência das referências familiares consideradas fundamentais durante a socialização primária. Observa-se aquilo que Giddens (2002) denomina de projecto reflexivo do "Eu" através do qual os indivíduos constroem continuamente narrativas sobre si próprios, reorganizando as suas biografias diante da rupturas e desafios encontrados ao longo da vida.

A vivência da ausência parental revela-se como uma experiência social que ultrapassa a simples falta física de uma figura parental, envolvendo a produção de significados sobre si, sobre a trajectória sobre o seu lugar nas relações sociais. A ausência, assim, constitui uma condição a partir da qual os entrevistados negociam, ressignificam e constroem continuamente a sua identidade.

Após reconhecerem e atribuirem sentido a ausência parental, os entrevistados passam a desenvolver estratégias para organizar a própria vida, tomar decisões e definir caminhos possíveis. Assim, na secção à seguir procura mostrar como esses jovens agem e fazem escolhas diante da ausência parental.

4.2.1. Autonomia como princípio regulador das escolhas

A autonomia ocupa um lugar central na forma como os jovens em estudo projectam o futuro e organizam as suas escolhas. Os relatos dos entrevistados, evidenciam que a autonomia, ganhar independência financeira, decidir por si é o núcleo das suas expectativas, como podemos ver a seguir:

> *"Eu cresci acreditando que precisava criar o meu próprio caminho. Por isso, tornei-me empreendedora, não queria depender totalmente dos outros ou de um emprego instável."* (Entrevistado 9, 23 anos)

Esta fala sintetisa que a autonomia se tornou um princípio orientador das escolhas da entrevistada. A necessidade de criar o próprio caminho, sugere que a ausência parental contribui para o desenvolvimento de uma postura de autossuficiência, levando-a a procurar alternativas que lhe garantissem maior controlo sobre a sua vida. O empreendedorismo surge, neste contexto, não apenas como uma escolha económica, mas como uma estratégia de construção de segurança e independência.

A partir da perspectiva de Giddens (2002), este depoimento pode ser compreendida como uma expressão do projecto reflexivo do "Eu", pois segundo o autor, os indivíduos da modernidade constroem continuidades às suas biografias através de decisões e escolhas que procuram dar coerência às suas trajectórias. Assim, ao optar por criar o seu próprio negócio, a entrevistada mostra um processo reflexivo de organização da vida. Ela procura construir uma identidade baseada na autonomia e na capacidade de conduzir o seu próprio destino. A seguir, podemos ver que a ausência parental, não apenas cria a necessidade de ter autonomia na vida, mas também a valorização da independência financeira:

> *"Essa ausência fez-me ser mais focada em mim, ser mais dedicada empenhar-me e fazer o melhor para mim sem esperar nada dos outros e sem depender de ninguém [...] abri meu salão, vendo roupas [...] assim faço o meu próprio dinheiro*." (Entrevistado 11, 24 anos)

Este depoimento mostra que crescer longe dos pais significou viver sem uma rede de protecção primária estável, a ausência parental produziu uma socialização marcada pela consciência de que não havia garantias, nem figuras permanentes a quem recorrer em momentos de crise. Segundo Lemos e colegas (2025) a rede de apoio social, formada por amigos, professores e membros da comunidade, pode compensar parcialmente a ausência parental, oferecendo suporte adicional à socialização e à construção identitária.

A entrevistada constrói uma narrativa em que o sucesso pessoal está associado ao esforço individual e à redução da dependência em relação aos outros. A autonomia emerge como uma estratégia de sobrevivência social e emocional. Ganhar independência financeira, não precisar pedir, não dever favores, não estar sujeito às humilhações, decidir por si próprio tornam-se formas de reduzir a vulnerabilidade, de evitar novas dependências e de proteger-se contra possíveis abandonos futuros. Este depoimento entra em contraste com o que autores como Ellis e colegas (2003)

observaram nos seus estudos, que lhes levou a considerarem que os adolescentes que nao viviam com os progenitores apresentavam maior probabilidade de uso de drogas e envolvimento em comportamentos de risco.

Esta experiência pode ser interpretada à luz de Giddens (2002), para quem a identidade é resultado de um processo permanente de reflexão sobre a própria vida. Ao afirmar que a ausência a tornou mais dedicada e focada em si mesma, a entrevistada revela um trabalho contínuo de reconstrução biográfica, no qual transforma uma experiência de privação numa motivação para alcançar objetivos pessoais. Neste sentido, a autonomia aparece como um recurso utilizado para produzir estabilidade e dar sentido à sua trajectória de vida, criando uma visão do futuro numa perspectiva de reparação simbólica, como veremos a seguir.

Esta secção procurou mostrar que diante da ausência parental, os jovens desenvolvem formas próprias de conduzir a sua trajectória, assumindo responsabilidades e realizando escolhas que expressam a construção activa do seu "EU". A auntonomia aparece como uma prática através da qual os jovens procuram afirmar-se enquanto sujeitos capazes de orientar a própria vida, mesmo perante limitações decorrentes da ausência. Essa afirmação constitui a base para a projecção do futuro, na construção de espectativas e projectos futuros como veremos à seguir.

4.2.2. O futuro como projecto de reparação simbólica

Os dados revelam que os jovens em estudo projecta o futuro como espaço de reparação, não apenas de melhoria material, mas como tentativa de restaurar uma narrativa interrompida. Podemos ver essa projecção no depoimento a seguir:

> *"Quero que meu pai sinta o peso de me ter abandonado, vendo-me lá no topo, não há maior vingança que crescer financeiramente, socialmente e ele perceber que quem perdeu foi ele. Eu pretendo fazer ele precisar de mim, no futuro."* (Entrevistado 11, 24 anos)

Essa fala sintetiza o que chamamos aqui de reparação simbólica, referente ao processo através do qual o indivíduo procura compensar, ressingificar ou superar a experiência de perda, rejeição, humilhação ou sofrimento através de conquistas, reconhecimentos ou reconstruções identitárias que possuem um valor simbólico. Assim, para este entrevistado, o sucesso profissional, financeiro e social não aprece apenas como uma

meta de ascensão económica, mas como uma forma de responder à experiência da ausência parental. Neste caso, o entrevistado não se limita a recordar a ausência do pai, ele incorpora essa experiência num projecto de vida orientado para o futuro, atribuindo-lhe um significado para a reafirmação do seu valor pessoal.

Além disso, a fala sugere uma tentativa de restaurar aquilo que Giddens (2002) denomina de segurança ontológica, uma vez que, a ausência parental produziu uma ruptura numa relação que deveria oferecer estabilidade e confiança. Perante essa ruptura, o entrevistado procura construir no futuro as condições que lhe permitam recuperar um sentimento de reconhecimento e controlo sobre a própria vida.

Observamos, igualmente, que o futuro não é apenas trabalho, é também desejo de família diferente. Para os jovens entrevistados, o futuro afectivo não é pensado apenas como espaço de intimidade ou realização emocional, mas como um território de reparação e inovação pessoal, como podemos ver no depoimento a seguir:

> *"O maior aprendizado é que a ausência não define o valor de uma pessoa. Crescer sem pais não significa crescer sem futuro. O legado é a certeza de que podemos construir novas famílias, novos caminhos e novas versões de nós mesmos*." (Entrevistado 9, 23 anos)

A família futura, é assim, projectada como um projecto moral, carregado de significados, responsabilidades e promessas e expectativa de viver coisas novas. Esta secção procurou demonstrar que os jovens em estudo nao constroem sua identidade, isto é, o seu "EU" a partir da experiências passadas de ausência, mas tamém através das expectativas e imagens que projectam sobre aquilo que desejam ser. O futuro surge como um espaço de reconstrução do sentido da própria trajectória, onde esses jovens atribuem significados às suas escolhas e procuram afirmar uma continuidade para o seu "EU". Contudo, esses projectos não são construidos de forma isolada, mas interagem com as condições sociais que sustentam ou limitam a realização desses projectos, como veremos à seguir.

4.3. Recursos e apoios sociais: quem ocupa o lugar dos pais

Quando se fala de ausência parental, o primeiro pensamento é imaginar um vazio absoluto, uma infância marcada pela solidão e pelo abandono. No entanto, nas Mahotas mostra-se outra realidade: os vazios são preenchidos por redes sociais alternativas, ainda

que de forma precária e desigual. Essas redes incluem avós, tios, irmãos mais velhos, vizinhos, professores, igrejas e organizações não-governamentais, como vimos na tabela dos dados sociodemográficos dos participantes. Não se trata de substitutos perfeitos, mas de apoios que estruturam a vida social e oferecem aos jovens recursos mínimos para resistir à ausência parental e reconstruir suas identidades.

Não existe um único suplente da parentalidade; existe, antes, um conjunto de agentes que em combinação, tentam recompor funções parentais desfeitas. O depoimento abaixo relata a dupla função da mãe e de uma vizinha:

> *" Durante a maior parte da minha infância, vivi com a minha mãe, que sempre fez o possível para me garantir o básico, mesmo com dificuldades. Mas, como ela trabalhava muito, tanto em biscates como em limpezas, eu passava grande parte do tempo com a nossa vizinha, [...] uma senhora mais velha que praticamente me criou também […] levava-me à escola, dava-me almoço quando a minha mãe chegava tarde, ficava comigo quando eu ficava doente […] por isso, posso dizer que cresci entre duas mulheres fortes que me ensinaram que família também pode ser construída fora do sangue."* (Entrevistado 1, 19 anos)

Este depoimento mostra que a ausência de uma configuração familiar tradicional, não significou ausência de referências de cuidado. A entrevistada identifica a mãe e a vizinha como figuras centrais da sua socialização, atribuindo-lhes funções normalmente associadas somente aos pais.

A fala revela que os laços de pertença podem ser construídos para além dos vínculos sanguíneos biológicos, através das relações estabelecidas no quotidiano, facto abordado por Staudt e Wagner (2008) ao afirmarem que a composição e dinâmica familiar se altera conforme o contexto social, histórico, permitindo a coexistência de diferentes configurações familiares. Observa-se que a identidade é construída em contextos de transformação das estruturas familiares. A vizinha tornou-se uma referência importante na construção da sua narrativa de vida, contribuindo para a formação da confiança e da segurança necessárias ao desenvolvimento do “EU”. O depoimento a seguir relata, também, a ocorrência do arranjo intergeracional:

> *"Vivi com a minha avó materna e minha tia [...] enquanto minha tia trabalhava para o sustento da casa, minha avó é quem cuidava de nós em casa, nos levava a machamba, nos ensinava a cozinhar e a fazer deveres de casa, às vezes, nos deixavam em casa da vizinha do lado, ela acabou se tornando minha madrinha do batismo juntamente com o seu marido."* (Entrevistado 9, 23 anos)

Este depoimento evidencia que a socialização da entrevistada ocorreu através de uma rede diversificada de relações. A avó, a tia e a vizinha participaram activamente da sua formação, transmitindo ensinamentos, acompanhando o seu crescimento e desempenhando funções de cuidado. Esta entrevistada destaca pontos que confrontam as interpretações normativas mencionadas na abordagem Sócio-cultural de Lemos e colegas (2025) que associam as funções e papeis parentais exclusivamente aos pais e resgata a afirmação de Mendes e colegas (2021) de que as funções parentais podem ser desempenhadas por qualquer pessoa, independentemente do gênero ou do tipo de vínculo que exista entre com a criança ou adolescente.

Neste caso, segundo Goffman (2002), estas relações constituem importantes espaços de interacção onde o "EU" é construído e continuamente ajustado. As orientações recebidas, os cuidados prestados e as expectativas transmitidas por essas figuras contribuíram para moldar a imagem que desenvolveu de si mesma. Assim, o "EU" não surge de forma isolada, mas é produzido no interior das relações sociais que fornecem conhecimento, orientação e pertencimento. Sendo necessário compreender como é que funcionam os mecanismos de sustentação social dessas figuras para com os seus dependentes, o que se abordará à seguir.

4.3.1. Mecanismos de sustentação social: expectativas e performance

As redes actuam por mecanismos sociais concretos associados a ajudas temporais em troca de trabalhos domésticos, parentesco que exigem acolhimento, ao bom comportamento do jovem. O apoio comunitário é frequentemente mediado por expectativas comportamentais — os que ficam têm de demonstrar disciplina, responsabilidade ou rendimento para merecer continuidade do apoio. Isso cria uma dinâmica em que o jovem não é apenas cuidado, é também controlado. O apoio é real, mas sua manutenção depende de performance: frequência escolar aceitável, trabalho doméstico, comportamento exemplar. Essa exigência transforma o cuidado em

mecanismo disciplinador e reproduz tensões: o jovem precisa corresponder para não perder a rede, como podemos ver a seguir:

> *"No início, algumas pessoas diziam que eu era o menino deixado pelo pai ou insinuavam que eu era um peso para os meus tios […]. Com o tempo, porém, quando comecei a destacar-me na escola, o olhar dos outros mudou. Passei a ser visto como o rapaz inteligente, e isso transformou também a maneira como eu via a mim mesmo*." (Entrevistado 13, 28 anos)

Este depoimento mostra que a continuidade do reconhecimento social depende, muitas vezes, da forma como o indivíduo é percebido pelos outros. Inicialmente o entrevistado era identificado através do estigma associado à ausência paterna, sendo visto como alguém marcado pelo abandono, contudo, quando passou a apresentar um bom desempenho escolar, a definição social da sua identidade foi alterada. Goffman (2002) explica essa situação ao falar da imagem que os outros constroem sobre o indivíduo e a imagem que o indivíduo procura transmitir diante dos outros. Ele argumeta que mesmo que a intenção do indivíduo seja limitada ou incosciente, os efeitos da interacção podem legitimar a definição projectada, estabelecendo uma perspectiva funcional ou pragamática sobre a compreensão compatilhada do que ocorre na situação social do indivíduo.

Assim, pode-se compreender esta situação como um processo de gestão de impressões, onde segundo Goffman (2002) argumenta que às vezes o indivíduo pode agir de maneira calculada, expressando-se de uma determinada forma somente para dar aos outros um determinado tipo de impressão sobre si. O desempenho escolar funciona como uma performance social que permite ao jovem substituir uma identidade estigmatizada por uma valorizada.

O reconhecimento não é concedido de forma automática, ele precisa ser conquistado através de comportamentos socialmente aprovados. Paralelamente, é destacado nestes jovens que as amizades aparecem como núcleos de pertença, como um espaço a partir do qual conquistam adaptação e aceitação, como mostra o depoimento abaixo:

> *“ [...] e nas amigas encontrei mentoras e irmãs que me ajudaram a fortalecer a autoestima [...], recebi apoio mais de instituições e*

> *amizades do que da própria família. No bairro, algumas vizinhas cuidavam de mim quando eu era pequena, mas isso diminuiu com o tempo. […]na escola secundária, tive duas amigas muito próximas que foram essenciais para eu não me sentir completamente sozinha."* (Entrevistado 8, 23 anos)

Neste depoimento afirma-se que a amizade funciona como um lugar de acolhimento emocional e de validação identitária — não substitui a função material dos pais, mas preenche lacunas de reconhecimento e de espelho social. Sob a perspectiva de Goffman (2002), estes grupos sociais funcionam como audiências sociais que confirmam determinadas definições do "Eu"dos indivíduos. Através das interacções estabelecidas com as amigas, mentoras e membros da organização, a entrevistada recebe sinais de aceitação, valorização e pertença. Essas experiências contribuem para fortalecer a autoestima e para sustentar uma imagem positiva de si mesma mesmo diante dos estigmas relacionados a condição parental. Apesar de, encontrarmos em algumas situações, o estigma que recompõe as relações que os esses jovens procuram desenvolcer, conforme podemos ver a seguir:

> *" […] Havia quem fizesse piadas como a tua mãe fugiu ou crescer sem mãe é ser meio perdido. Essas palavras doíam muito, especialmente na adolescência. Alguns colegas achavam que eu era demasiado sério ou fechado e diziam que era porque não tive mãe para ensinar carinho. Esses comentários marcaram-me, mas também me motivaram a mostrar que a ausência de um pai ou mãe não define o caráter de uma pessoa."* (Entrevistado 2, 20 anos)

Este depoimento revela que a ausência parental não é vivida apenas como uma experiência familiar, mas também como uma condição socialmente interpretada pelos outros. O entrevistado relata que determinadas pessoas associavam a ausência do pai a características negativas, como isolamento, falta de carinho, situação que pode ser compreendida através do conceito de estima de Goffman (2002). O autor afirma que o estigma surge quando um atributo socialmente valorizado passa a sobrepor-se às demais características do indivíduo, influenciando a forma como ele é percebido e tratado pelos outros. No caso do entrevistado, a ausência paterna transforma-se numa marca social

que gera expectativas negativas sobre o seu comportamento e sobre o seu valor enquanto pessoa.

A fala revela um aspecto importante da teoria de Goffman (2002): a diferença entre a identidade que o indivíduo atribui a si mesmo e a identidade que lhe é atribuída pelos outros. O entrevistado demonstra desconforto precisamente porque sente que a sua história familiar é utilizada para explicar quem ele é, ignorando as suas qualidades, escolhas e conquistas pessoais. Assim, o estigma não decorre apenas da ausência em si, mas das percepções sociais construídas em torno dessa ausência.

Além disso, o depoimento sugere que os jovens criados em situação de ausência parental enfrentam frequentemente a necessidade de provar que não correspondem aos estereótipos que lhes são atribuídos. Neste sentido, a construção da identidade torna-se um processo de negociação constante entre a forma como o indivíduo se vê e a forma como é visto pelos outros. A experiência relatada pelo entrevistado confirma a ideia de Goffman (2002) de que a vida social envolve uma luta permanente pelo reconhecimento e pela definição legítima do Eu.

Nesta secção procurou-se demonstrar que a construção do "EU" pelos jovens em situação de ausência parental é sustentada por redes de relações que oferecem apoio material, emocional e simbólico. Esses recursos funcionam como elementos que permitem aos jovens enfrentam a ausência, reorganizar as suas trajectórias e fortalecer a sua capacidade de agir. Por isso, torna-se necessário compreender como diferentes formas de ausência produzem experiências e impactos diferentes na construção do "EU".

4.4. Construção da Autoimagem: Entre Feridas e Força

Os dados revelam que a autoimagem dos jovens entrevistados é construída a partir de uma relação ambivalente com a experiência da ausência parental. Por um lado, os participantes reconhecem as marcas emocionais deixadas pela ausência dos pais, por outro lado, atribuem a si mesmos características como força, autonomia, coragem e determinação. A identidade construída não elimina a dor vivida, mas procura integrá-la numa narrativa de superação e crescimento, como veremos no depoimento que segue:

> *"A minha visão de mundo é marcada pelo equilíbrio entre fragilidade e força. Sou uma mulher forte, determinada e sensível ao mesmo tempo.*

> *Sou alguém que construiu a própria identidade sem referências directas dos pais, mas com muita coragem. Sou empreendedora não apenas no negócio, mas na vida."* (Entrevistado 9, 23 anos)

A entrevistada retrata uma compreensão reflexiva de si mesma. Em vez de definir-se exclusivamente pela ausência parental, constrói uma narrativa identitária que articula vulnerabilidade e resistência. Esta interpretação aproxima-se da perspectiva de Giddens (2002), segundo a qual a identidade constitui um projecto reflexivo do "Eu", onde o individuo interpreta continuamente as suas experiências e reorganiza a sua biografia, atribuindo novos significados aos conhecimentos vividos.

A ausência parental não aparece como elemento determinante da sua identidade, mas como uma experiência incorporada numa narrativa de coragem, autonomia e realização pessoal. Como podemos ver forma no depoimento à seguir:

> *"O maior aprendizado é que não somos obrigados a repetir a história dos nossos pais. O legado é a consciência de que a ausência também pode ser uma força — uma força que nos empurra a criar a vida que desejamos, para nós e para os que virão depois de nós."* (Entrevistado 13, 28 anos)

Este depoimento evidencia um processo de ruptura simbólica com a trajectória familiar anterior. O entrevistado recusa a ideia de que o seu futuro seja condicionado pela experiência de ausência vivida no passado. A luz de Giddens (2002), observa-se a construção activa de uma biografia reflexiva, na qual o sujeito procura assumir controlo sobre a própria trajectória e produzir uma identidade distinta daquela que lhe poderia ser socialmente atribuída.

A ausência parental deixa de ser apenas uma condição vivida e transforma-se num recurso simbólico utilizado para orientar projectos futuros. Esse mesmo movimento pode ser observado no depoimento a seguir:

> *"Carrego dores profundas, mas também muita esperança […]. Sou dedicada à universidade e desejo construir uma vida diferente daquela que o destino me deu no início. O maior aprendizado é que a ausência não precisa nos transformar em pessoas amargas. Podemos transformar a dor em força."* (Entrevistado 3, 21 anos)

Este depoimento revela uma identidade construída a partir da tensão permanente entre sofrimento e esperança. Embora reconheça que a ausência parental tenha produzido marcas emocionais profundas, ela recusa assumir uma posição de vítima ou permitir que essa experiência determine integralmente quem ela é. Pelo contrário, observa-se um esforço consciente de atribuir um novo significado à sua trajectória, reinterpretando a dor, não como um obstáculo, mas como uma experiência capaz de gerar crescimento pessoal e motivação para o futuro.

O posicionamento da entrevistada torna-se uma evidência do que Giddens (2002) afirma, que os indivíduos não recebem uma identidade pronta, mas constroem continuamente narrativas sobre si mesmos, procurando integrar passado, presente e futuro numa história coerente. Neste caso, a entrevistada realiza precisamente esse exercício reflexivo ao reorganizar simbolicamente a sua experiência de ausência parental.

Além disso, a afirmação da entrevistada de que " a ausência não precisa nos transformar em pessoas amargas" demonstra que ela desenvolveu uma reflexão crítica sobre a própria experiência. Ela reconhece que o sofrimento poderia produzir ressentimento, desânimo ou ruptura emocional, mas escolhe conscientemente outro caminho identitário.

Essa escolha evidencia a capacidade de agência do sujeito que não apenas vive as circunstâncias, mas também interpreta, negoceia e ressignifica os significados dessas circunstâncias. Compreender como os entrevistados se percebem a si próprios constitui apenas uma parte do fenómeno, torna-se igualmente necessário analisar de que forma essa experiência influencia a construção mais ampla do "Eu" e da identidade social, aspecto que será discutido na secção seguinte.

4.5. Impacto da ausência parental na construção do Eu e da identidade social

A ausência parental, longe de constituir apenas uma carência afectiva ou material, assume um papel estruturante na formação da identidade dos jovens. Tal carácter estruturante manifesta-se na medida em que a ausência emerge como um marco biográfico que influencia a construção do "Eu", afectando não apenas as relações familiares, mas também a forma como os jovens desenvolvem a autonomia, estabelecem vínculos sociais, projectam o futuro e atribuem significados às suas trajectórias, factos destacados no depoimento que se segue:

> *"Aprendi a ser disciplinado e a valorizar o trabalho. Quando vejo colegas que têm tudo de mão beijada, penso que eles não sabem o que é lutar. Eu sou o que sou porque aprendi cedo a viver sem depender dos outros*" (Entrevistado 2, 20 anos)

O entrevistado revela que a ausência parental não é percebida apenas como uma experiência de perda, mas também como um elemento que influenciou profundamente a construção da sua identidade. Ao afirmar que aprendeu a ser disciplinado, a valorizar o trabalho e a não depender dos outros, o participante atribui a experiência da ausência um papel central na formação dos valores que orientam a sua vida.

A sua identidade é narrada a partir de características que considera ter desenvolvido em resposta às dificuldades enfrentadas, transformando uma condição incialmente adversa numa fonte de significado pessoal.

Observa-se igualmente, a construção de uma identidade moral baseada no esforço e na capacidade de superação. Quando compara a sua trajectória à de colegas que "têm tudo de mão beijada", o entrevistado estabelece uma distinção simbólica entre aqueles que enfrentam dificuldades e aqueles que cresceram em condições favoráveis. Essa comparação não serve apenas para descrever diferenças de experiências, mas para afirmar uma imagem positiva de si mesmo, associada à luta, ao mérito e à resistência.

Assim, o sofrimento vivido deixa de ser interpretado exclusivamente como uma desvantagem e passa a constituir um recurso simbólico através do qual o jovem atribui valor à sua própria trajectória. A fala mostra que a ausência parental se converteu em fundamento moral de sua identidade. Onde, Giddens (2002) explica que, na modernidade, os indivíduos são constantemente chamados a construir e reconstruir a sua identidade por meio da interpretação das suas experiências de vida, onde o "Eu" não é uma realidade fixa nem um produto automático das circunstâncias sociais. Ele resulta de um trabalho contínuo de reflexão através do qual os sujeitos procuram organizar os acontecimentos da sua biografia numa narrativa coerente.

Neste caso, o entrevistado reinterpreta a ausência parental e as dificuldades associadas a ela como factores que contribuíram para o desenvolvimento da disciplina, da autonomia e da valorização do trabalho. Assim, pode-se relacionar esse depoimento ao conceito de segurança ontológica de Giddens (2002), a medida em que, a ausência parental tende a

fragilizar os sentimentos de confiança e previsibilidade que normalmente são construídos nas relações familiares.

O entrevistado procura reconstruir um sentimento de estabilidade através da confiança em si mesmo e na sua capacidade de enfrentar dificuldades. A disciplina, o trabalho e a autossuficiência funcionam, assim, como mecanismo de restauração da segurança ontológica, permitindo-lhe reduzir vulnerabilidade associada à dependência dos outros. Contudo, nem todos conseguem essa ressignificação positiva, como veremos à seguir:

> *"Eu cresci sempre pensando que não valia nada, que eu não tinha família de verdade. Isso mexeu muito com minha confiança, até hoje sinto-me menor que os outros".* (Entrevistado 4, 22 anos)

Neste depoimento observa-se o risco do estigma internalizado. Goffman (2004) chama a atenção para o facto de que o estigmatizado pode incorporar a visão da sociedade sobre si mesmo, assumindo como sua a identidade deteriorada. O depoimento de ser menor que os outros sugere que o entrevistado incorporou interpretações sociais negativas associadas à ausência parental, transformando-as em um elemento de constitutivos da sua autoimagem. Isso destaca que a ausência parental foi convertida num marcador simbólico de inferioridade, afectando a confiança e a forma como se posiciona perante os outros.

Esses diferentes percursos revelam que o impacto da ausência parental na identidade é ambivalente. Para alguns, constitui fragilidade e insegurança; para outros, fornece disciplina, força e resiliência.

A partir das entrevistas e da posterior análise, constatamos que a identidade desses jovens emerge como produto de disputas simbólicas, de negociações interpessoais e de respostas resilientes diante de um contexto onde lhes falta justamente aquilo que é o primeiro espaço de socialização, a família.

A ausência parental não marca apenas a esfera íntima dos jovens, mas atravessa profundamente a forma como estes se apresentam, se percebem e são percebidos no espaço social. À luz de Goffman (2002), pode-se compreender que o "EU" desses jovens se constrói num cenário de constante vigilância simbólica, no qual a identidade precisa de ser cuidadosamente gerida para evitar a exposição daquilo que socialmente pode ser interpretado como falha, desvio ou fragilidade. O sujeito não apenas é quem é,

mas actua, encena e administra impressões num palco social que frequentemente associa a ausência parental a desordem moral, vulnerabilidade ou fracasso.

Segundo Goffman (2002), pode-se afirmar que trata-se de uma gestão rigorosa da fachada, na qual o indivíduo seleciona cuidadosamente os sinais que emite ao outro para sustentar uma definição de situação favorável. O trabalho, a disciplina, a seriedade e a autonomia tornam-se elementos centrais dessa performance social, funcionando como recursos simbólicos capazes de neutralizar possíveis leituras negativas associadas ao abandono parental. Assim, o "EU" não se apresenta como carente, mas como forte; não como vítima, mas como resistente.

A ausência parental, nesse sentido, transforma-se num atributo que precisa ser constantemente gerido. Mesmo quando não explicitamente nomeada, ela actua como pano de fundo das interações sociais, orientando escolhas discursivas, comportamentos e vínculos. O jovem aprende quando falar, quando calar, o que mostrar e o que esconder. Essa aprendizagem precoce da dramaturgia social revela um "EU" altamente reflexivo, atento às normas implícitas de aceitação e reconhecimento. A identidade deixa de ser apenas expressão espontânea e torna-se resultado de um trabalho contínuo de ajustamento às expectativas sociais.

Essa gestão intensa da identidade tem custos. A necessidade constante de manter uma fachada sólida pode gerar desgaste emocional e dificuldade em estabelecer relações afectivas profundas, pois revelar vulnerabilidades passa a ser percebido como risco. O medo de ser visto como fraco ou incompleto reforça barreiras emocionais e dificulta a entrega ao outro. Assim, a ausência parental não apenas molda a apresentação do "EU", mas estrutura a forma como o sujeito se vincula, confia e se expõe nas interações cotidianas.

Para Giddens (2002), a identidade não é algo fixo, mas uma narrativa continuamente construída pelo indivíduo, que precisa manter uma sensação de coerência biográfica num mundo marcado pela instabilidade, pela descontinuidade e pelo risco. Os dados revelam que os jovens que cresceram longe dos pais são obrigados a assumir muito cedo essa tarefa reflexiva, pois a ruptura na socialização familiar interrompe a linearidade da narrativa de vida e impõe a necessidade de reconstrução simbólica do "EU".

A ausência parental funciona como uma "desancoragem biográfica", rompendo aquilo que Giddens (2002) chama de segurança ontológica — o sentimento básico de confiança na continuidade do mundo e na previsibilidade das relações sociais. Sem a presença regular dos pais, o jovem cresce num ambiente em que o futuro não é garantido, as relações são percebidas como frágeis e a permanência do outro nunca é certa. Essa experiência produz sujeitos altamente atentos ao risco, que aprendem a organizar a vida com base na antecipação da perda e na necessidade de controlo sobre si mesmos. A autonomia, a independência financeira e a auto-uficiência, tão presentes nos relatos, não aparecem apenas como aspirações materiais, mas como estratégias profundas de restauração da segurança ontológica perdida.

Essa reflexividade constante também gera tensões. A necessidade de manter uma narrativa coerente diante de uma história marcada pela ruptura exige esforço emocional contínuo. O "EU" precisa ser constantemente monitorado, avaliado e ajustado para que não se fragmente. Os dados revelam sujeitos fortes, mas também vulneráveis, conscientes das suas dores e atentos às suas escolhas. Essa ambivalência é característica da identidade na modernidade tardia descrita por Giddens (2002): um "EU" simultaneamente imponderado e ansioso, livre e sobrecarregado pela responsabilidade de construir-se a si mesmo.

Assim, de acordo com Giddens (2002), a ausência parental não produz identidades quebradas, mas identidades hiper-reflexivas, obrigadas a dar sentido à própria existência num contexto de risco, incerteza e descontinuidade. O "EU" torna-se um projecto permanente, orientado para o futuro, no qual autonomia, sucesso e estabilidade afectiva funcionam como pilares da reconstrução biográfica. A identidade emerge, portanto, não apesar da ausência, mas em diálogo constante com ela, transformando a falta em motor de ação, reflexão e reinvenção do "EU".

A ausência parental fragiliza a base da socialização primária, obrigando à gestão constante do estigma e da imagem social (Goffman, 2002) e intensifica a reflexividade identitária num contexto de risco e incerteza (Giddens, 2002). O "EU" emerge, portanto, não como produto passivo da ausência, mas como resultado de um trabalho contínuo de reconstrução simbólica, no qual o sujeito negocia sentidos, administra impressões e projecta-se no futuro como forma de afirmação existencial.

Portanto, podemos afirmar que a ausência parental é um fenómeno que afecta o "EU" íntimo, influenciando a forma como esses jovens interpretam a si próprios e a sua trajectória, o "EU" social, moldando a forma como se apresentam e se relacionam com os outros e o "EU" projectado, orientando as expectativas, escolhas e projectos para o futuro. Os jovens entrevistados não apenas sofrem a ausência, eles a traduzem em práticas identitárias específicas, em estratégias morais e em projectos de vida tencionados pela incerteza.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objectivo compreender os processos de construção identitária de jovens criados longe dos pais, analisando de que forma as suas experiências e interacções sociais influenciam os processos de construção da identidade, no Bairro das Mahotas. A partir de uma abordagem qualitativa de carácter descritivo-compreensivo, recorrendo ao método interpretativo, ao estudo de caso, à entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo, procurou-se aceder às narrativas dos participantes e interpretar os significados atribuídos às suas vivências. Mobilizando a teoria da dramaturgia de Goffman (2002) e a teoria da modernidade tardia de Giddens (2002).

Por sua vez, a pesquisa de campo permitiu identificar quatro resultados principais, revendo concretamente como a influência da ausência parental se manifesta na vida dos jovens do Bairro das Mahotas. Primeiramente, constatou-se que, diante da ausência parental, a construção da identidade dos entrevistados é feita pela transformação da dor da ausência em motivação necessária para enfrentar os desafios de cada dia, pela busca precoce de autonomia, independência financeira e responsabilidade pessoal. Assumindo funções económicas, domésticas ou familiares ainda durante a infância e adolescência.

O segundo resultado foi a constatação de que os participantes desenvolveram estratégias de gestão da imagem social e mecanismos de autoprotecção emocional. Eles gerem a imagem social, procurando apresentar-se como pessoas fortes, responsáveis e capazes, numa tentativa de parecer independetes e evitar estigmas frequentemente associados à ausência parental. Os mecanismos de autoprotecção emocional, traduzem-se em guardar os seus sentimentos para si mesmos, evitar demonstrar fragilidade e enfrentar dificuldades sem recorrer ao apoio emocional de outras pessoas, transformando o autocontrolo numa característica central da sua identidade, e procurando a todo custo valorizar os estudos e o trabalho e se focando mais neles.

Terceiro, constatou-se de que a ausência parental influencia a forma como os jovens projectam o seu futuro, como se socializam com os outros, na construção das redes interpessoais e na construção da autoestima. Fazendo com que eles orientem as suas trajectórias através do desejo de construir uma vida diferente daquela que tiveram, procurem formar famílias mais estáveis e estar presentes na vida dos filhos e com isso, evitar a reprodução das experiências de ausência que marcaram as suas trajectórias.

Por último, constatou-se que a ausência parental não se limita a falta de uma figura, ela atravessa a vidaa dos jovens e imprime marcas na maneira de socializar, de construir vínculos e de perceber a si mesmo, desenvolvendo um exercício constante de autoreflexão: olham para dentro e questionam quem são e projectam quem querem ser. Nesse processo, redefinem seus planos de futuro e passam a atribuir novos significados às suas experiências e às relações que estabelecem. Assim, mesmo diante da ausência, surge uma capacidade de agir nos jovens, tornando-os autores de suas próprias histórias.

Assim, o principal contributo da pesquisa foi constatar que os jovens em situação de ausência parental no Bairro das Mahotas percebem a si próprios a partir da aceitação tanto das dificuldades vividas como das capacidades que desenvolvem para enfretar a sua realidade. Interpretam o mundo ao seu redor com base nas experiências de reconhecimento ou estigmatização e nas oportunidades e limitações presengtes no seu contexto social. A partir dessas interpretações e percepções, constroem o seu "EU" através da definição da imagem que apresentam aos outros, do desenvolvimento de autonomia e autoprotecção e da elaboração de expectativas e projectos para o futuro

Por isso, podemos considerar que a ausência parental é um fenómeno que afecta o "EU" íntimo, gerando a necessidade pessoal de ser autónomo e de produzir mecanismos de auto-protecção, o "EU" social, moldando a forma como gerem a imagem social e se relacionam com os outros e o "EU" projectado, orientando as expectativas, escolhas e projectos para o futuro.

Os resultados desta pesquisa produzem implicações relevantes em três níveis interdependentes: teórico, social e metodológico para a compreensão da construção social da identidade em contextos de ausência parental.

A nível social, os resultados contribuem para a desconstrução dos estigmas associados à ausência parental, demonstrando a importância de reconhecer os jovens como sujeitos activosna construção das suas identidades e trajectórias de vida, e não apenas como vítimas das circunstâncias familiares.

Do ponto de vista teórico, os resultados desta pesquisa reforçam as perpectivas de Erving Goffman (2002) e de Giddens (2002), ao constatar que a identidade não é algo fixo, mas um processo contínuo nas interacções sociais e ao longo das trajectórias de

vida. A pesquisa procurou consolidar a ideia de que a identidade é socialmente produzida e constantemente redefinido a partir das experiências vividas pelos sujeitos.

A nível metodológico, a pesquisa demonstra a relevância da abordagem qualitativa de carácter descritivo compreensivo para o estudo de fenómenos sociais complexos, uma vez que procura aceder às experiências, significados e interpretações dos próprios sujeitos, proporcionando uma compreensão detalhada e contextualizada da realidade investigada.

Portanto, recomenda-se que as futuras investigações aprofundem dimensões identificadas na revisão da literatura, mas que não constituíram o foco central deste estudo, nomeadamente as diferenças de gênero, as trajectórias escolares e as diversas formas de organização familiar associadas à ausência parental. Deste modo, será possível ampliar o escopo de análise sociológica sobre o fenómeno de ausência parental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baum, C. (2004). *Divorce, family dynamics and adolescent adjustment: Implications for social relationships*. American Journal of Orthopsychiatry, 74(2), 144–154.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar.

Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Um tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.

Black, M. M., Dubowitz, H., & Starr, R. H., Jr. (1999). *African American fathers in low-income, urban families: Development, behavior, and home environment of their three-year-old children.* Child Development, *70*(4), 967–978. https://doi.org/10.1111/1467-8624.00070

Bogaert, A. F. (2005). *Age at puberty and father absence in a national probability sample*. Journal of Adolescence, 28(4), 541–546. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.10.008

Braun, V., & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. Qualitative Research in Psychology, *3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). *Thematic analysis*. In P. Liamputtong (Ed.), Handbook of research methods in health social sciences (pp. 843–860). Springer. *https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4-103*

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.

Burns, V. E. (2008). *Living without a strong father figure: A context for teen mothers' experience of having become sexually active*. Issues in Mental Health Nursing, *29*(3), 279–297. https://doi.org/10.1080/01612840701869692

Costa, M. E. (1991a). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Instituto Nacional de Investigação Científica.

Costa, M. E. (1991b). *Identidade na adolescência: Perspectiva psicossocial*. Editora Vozes.

Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). *Não basta gerar, tem que participar? Um estudo sobre a ausência paterna.* Psicologia: Ciência e Profissão, *34*(1), 226–241. https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100016

Eizirik, M., & Bergmann, D. S. (2004). *Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: Um relato de caso.* Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, *26*(3), 330–336. https://doi.org/10.1590/S0101-81082004000300010

Ellis, B. J., Bates, J. E., Dodge, K. A., Fergusson, D. M., Horwood, L. J., Pettit, G. S., & Woodward, L. (2003). *Does father absence place daughters at special risk for early sexual activity and teenage pregnancy?* Child Development, *74*(3), 801–821. https://doi.org/10.1111/1467-8624.00569

Felzenszwalb, M. (2003). *Partenogênese: Os efeitos da exclusão do pai no desenvolvimento da personalidade e na dinâmica familiar* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). *What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of developmental psychology*. British Journal of Developmental Psychology, *21*(1), 81–97. https://doi.org/10.1348/026151003321164636

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Zahar.

Goffman, E. (1982). *Rituais de interação: Ensaios sobre o comportamento face a face*. Vozes.

Goffman, E. (2002). *A apresentação do eu na vida quotidiana*. Relógio D'Água.

Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). *O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea.* Psicologia: Teoria e Pesquisa, *20*(2), 119–125. https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200004

Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). *Casa do pai, casa da mãe: A coparentalidade após o divórcio.* Psicologia: Teoria e Pesquisa, *26*(1), 77–87. https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100010

Harper, C. C., & McLanahan, S. S. (2004*). Father absence and youth incarceration.* Journal of Research on Adolescence, 14(3), 369–397. https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2004.00079.x

Hennigen, I., & Guareschi, P. A. (2008). *Participação parental e desenvolvimento infantil: Contribuições da psicologia social*. In B. Jablonski & T. Féres-Carneiro (Orgs.), Psicologia social: Identidades, relações e práticas (pp. 45–62). EDIPUCRS.

Hollist, D. R., & McBroom, W. H. (2006). Family structure, family tension, and self-reported marijuana use: A research finding of risky behavior among youths. *Journal of Drug Issues*, *36*(4), 975–998. https://doi.org/10.1177/002204260603600410

Johnson, A. G. (1995). *Dicionário de sociologia: Guia prático da linguagem sociológica*. Zahar.

Lamb, M. E. (Ed.). (1997). *The role of the father in child development* (3rd ed.). John Wiley & Sons.

Lemos, A. B., Santos, C. D., & Oliveira, E. F. (2025). *Experiência de viver em acolhimento institucional: O vazio, a ausência e o nada*. Revista Acadêmica Online, 11(57), 1–23.

Marcia, J. E. (1966). *Development and validation of ego-identity status. Journal of Personality and Social Psychology*, *3*(5), 551–558. https://doi.org/10.1037/h0023281

Marcia, J. E. (1986). *Identity in adolescence*. In J. Adelson (Ed.), Handbook of adolescent psychology (pp. 159–187). John Wiley & Sons.

Marshall, N. L., English, D. J., & Stewart, A. J. (2001). *Parental influence on adolescent cognitive and social development*. Developmental Psychology Review, *24*(4), 45–66. https://doi.org/10.1006/jado.2001.0384

Mendes, A. C., Almeida, B. R., & Melo, C. D. (2021). *Abandono afetivo paterno: Uma (re)visão crítica, narrativa-sistemática da literatura psico-jurídica em português*. Psicologia Argumento, *39*(105), 657–688.

Padilha, C. S. (2008). Quando o pai vira réu por alegação de abandono afetivo. In L. M. T. Brito (Org.), *Famílias e separações: Perspectivas da psicologia jurídica* (pp. 187–217). EdUERJ.

Penso, M. A., & Moraes, P. A. (2016). *Reintegração familiar e múltiplos acolhimentos institucionais. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, *14*(2), 1523–1535. https://doi.org/10.11600/1692715x.14243180815

Petrini, J. C. (2005). *Mudanças sociais e familiares na atualidade: Reflexões à luz da história social e da sociologia. Memorandum: Memória e História em Psicologia*, *8*, 20–37.

Pithan, F. S., & Timm, M. S. (2007). *Características das relações interpessoais na contemporaneidade: Um estudo sobre o Orkut*. *Verso e Reverso*, *21*(48), 1–12. https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5763

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, Trad.). Zahar.

Sarti, C. A. (2004). *A família como ordem simbólica. Psicologia USP*, *15*(3), 11–28. https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002

Sganzerla, I. A., & Levandowski, D. C. (2010). *Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: Análise da literatura.* Psicologia em Revista, *16*(2), 295–309. https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n2p295

Sieber, D. (2008). *Engaging absent fathers in the treatment of childre*n. Child and Adolescent Social Work Journal, *25*(4), 333–340. https://doi.org/10.1007/s10560-008-0158-0

Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2010). *Crianças e adolescentes institucionalizados: Desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*(3), 407–415. https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300003

Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). *Sentir-se bem em família: Um desafio frente à diversidade. Textos & Contextos (Porto Alegre)*, *7*(1), 88–97. https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/3940

Weber, M. (1991). *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* (Vol. 1). Editora Universidade de Brasília.

Zardo, T., & Dorsa, A. C. (2019). *A influência da alienação parental sobre a identidade social do indivíduo e o desenvolvimento local*. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, *5*, 1–23. https://www.eumed.net/ver/cccss/2019/5/alienacao-parental-identidade.html

APÊNDICES

Guião de entrevista com jovens em situação de ausência parental, no Bairro das Mahotas

A presente entrevista insere-se no âmbito da elaboração do trabalho de fim do curso para a conclusão do curso de licenciatura em Sociologia, subordinado ao tema: A construção social do "Eu" por jovens em situação de ausência parental, desenvolvida no Bairro das Mahotas.

O estudo tem como objectivo compreender de que forma a ausência parental influencia a construção do "Eu" e da identidade social dos jovens que cresceram sem a presença do pai, da mãe ou de ambos. Especificamente, pretende-se conhecer as experiências vividas por esses jovens, identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com a ausência parental e analisar como essa experiência contribuiu para a construção das suas identidades.

A sua participação nesta pesquisa deve-se ao facto de ter vivenciado uma experiência de ausência parental durante a infância ou adolescência, o que faz da sua trajectória uma importante fonte de informação para a compreensão do fenómeno em estudo.

A entrevista terá uma duração de 1h a 1h30min e será realizada de forma confidencial. Todas as informações recolhidas serão utilizadas exclusivamente para fins académicos e científicos, garantindo-se o anonimato e a privacidade dos participantes. Em nenhum momento o seu nome ou qualquer informação que permita a sua identificação será divulgado. A sua participação é voluntária e poderá interromper a entrevista ou recusar responder a qualquer questão, caso assim o deseje.

Desde já, agradeço pela disponibilidade e valiosa contribuição para esta pesquisa.

Eixo I

Contextualização sócio-biográfica dos participantes

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu sexo?
3. Qual é o seu nível de escolaridade?
4. Qual é a sua ocupação actual?

5. A ausência que vivenciou refere-se à ausência de qual dos parentes? Por qual motivo?

6. Com quem vive actualmente?

7. Com quem você viveu durante a maior parte da sua infância?

8. Quem assumiu os principais cuidados e responsabilidades pela sua educação e acompanhamento durante a infância?

Eixo II

Descrever as experiências de ausência parental vivenciadas pelos jovens do bairro das Mahotas.

1. Como você lidou com essa ausência?

2. Como é que você lida com essa ausência actualmente?

3. Houve momentos marcantes em que você sentiu mais intensamente a ausência dos seus pais que gostaria de partilhar? Quais?

4. Quais foram as principais dificuldades que enfrentou devido à ausência parental?

EIXO III

Identificar o papel das redes de apoio locais na construção de suas identidades.

1. Durante essa trajetória contou com apoio de alguém? De quem?
2. Como essa pessoa lhe apoiou?

3. Actualmente, quem são as figuras de apoio mais importantes e por quê?

4. Como essas figuras contribuíram para enfrentar a ausência dos seus pais?

5. Como eram suas relações com outros jovens do bairro?

6. Você sentiu algum tipo de estigma ou diferença em relação aos outros por estar longe dos seus pais?

EIXO IV

Explorar as diferenças nas experiências de jovens criados sem a mãe, sem o pai ou sem ambos.

1. Qual foi a principal diferença que conseguiu notar em comparação com os que tinham os pais presentes?
2. Como é que tem sido a sua trajectória de vida?
3. O que acha que seria diferente na sua trajetória de vida com os seus pais por perto? Por quê?
4. Como é que tem sido a sua relação com os outros face a essa situação de ausência parental?

EIXO V

Debruçar sobre o impacto da ausência parental na formação do "Eu".

1. Que características da sua personalidade acredita ter desenvolvido em consequência da ausência parental?
2. Existem valores que você acredita terem sido moldados por essa vivência? Quais e como?

2. De alguma forma essa ausência parental influenciou suas escolhas? Como?

3. Como você descreveria quem você é hoje face a ausência parental?

4. O que você considera ser o maior aprendizado dessa experiência?

5. Que conselho você daria a outros jovens que estão passando por uma situação semelhante?

6. Existe algo importante sobre a sua experiência que você gostaria de acrescentar?

Obrigada pela atenção dispensada!

Termo do Consentimento Informado

Prezado (a)

Chamo-me Neyma Da Célia Langa, sou estudante do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Para culminação do referido curso, estou a levar a cabo um estudo subordinado à análise do tema: A construção social do "Eu" por Jovens em situação de ausência parental no Bairro das Mahotas.

O estudo tem como objectivo compreender de que forma a ausência parental influencia a construção do "Eu" e da identidade social dos jovens que cresceram sem a presença dos pais. Especificamente, pretende-se conhecer as experiências vividas por esses jovens, identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com a ausência parental e analisar como essa experiência contribuiu para a construção das suas identidades. Portanto, a sua participação nesta pesquisa deve-se ao facto de ter vivenciado uma experiência de ausência parental durante a infância ou adolescência, o que faz da sua trajectória uma importante fonte de informação para a compreensão do fenómeno em estudo.

A entrevista terá uma duração de 1h a 1h30min e será realizada de forma confidencial. Todas as informações recolhidas serão utilizadas exclusivamente para elaboração da monografia, uma das formas de culminação do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Serão garantidos o anonimato e a privacidade dos participantes. Em nenhum momento o seu nome ou qualquer informação que permita a sua identificação será divulgado.

Assim, está anexado um breve questionário com uma variedade de questões relacionadas com o tema já referenciado. Por conseguinte, o seu apoio na resposta das questões será de elevado apreço e desde já, agradeço a sua participação.

Caso tenha alguma dúvida ou queira saber mais sobre o estudo, por favor não hesite em contactar-me através do seguinte Email: langaneyma84@gmail.com ou pelo seguinte contacto telefónico: 843461436.

Se concorda em participar de forma voluntária no estudo, assinale com X as frases abaixo:

Confirmo que li e percebi a informação constante neste documento e concordo plenamente em participar do estudo em causa (_).

Tive a oportunidade de ponderar a respeito da informação aqui apresentada e de fazer perguntas a respeito das mesmas, e estas foram satisfeitas (__).

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, confidencial e anónima e que sou livre de deixar de participar do mesmo a qualquer momento sem necessidade de apresentação de justificações, bem como, não sou obrigado a responder todas perguntas que me são colocadas (_).

Concordo plenamente com o destino (elaboração da monografia de licenciatura) que será dado a informação por mim facultada (_).

Assinatura: _____

Data: __/__/2025